



ESL EASY READ

LEITURA FACILITADA EM INGLÊS

NÍVEL
B1

Alice's Adventures in Wonderland

Lewis Carroll



1 NÍVEL DE
LEITURA

B1



TEXTO
ORIGINAL
EM INGLÊS



TRADUÇÃO
EM PORTUGUÊS



NOTAS E
GLOSSÁRIO
DE VOCABULÁRIO

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

APRENDA • LEIA • ENTENDA • PROGRIDA



→ DO NÍVEL **B1** AO TEXTO ORIGINAL ←

LEITURA INTELIGENTE, COMPREENSÃO REAL, PROGRESSO CONSTANTE.

Alice's Adventures in Wonderland

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

ESL Easy Read

Reading Comprehension B1 • Original Text • Português
Support

SAMPLE

Contents

[Copyright](#)

[Introduction](#)

[Reading Comprehension B1](#)

[Original English Text](#)

[Versão em Português](#)

[Glossary: New Words](#)

Copyright

Fonte original - domínio público

Esta edição ESL Easy Read foi adaptada a partir de Alice's Adventures in Wonderland, de Lewis Carroll, publicado originalmente em 1865.

A obra original encontra-se em domínio público e pode ser utilizada, reproduzida, distribuída e adaptada de acordo com a legislação aplicável.

Autor

Lewis Carroll (1832 - 1898)

Estados Unidos

Esta obra foi publicada originalmente em 1865.

Nos Estados Unidos, obras publicadas antes de 1930 encontram-se normalmente em domínio público.

Com base no ano de publicação disponível, esta obra encontra-se em domínio público nos Estados Unidos desde 1º de janeiro de 1961.

Brasil

Autor: Lewis Carroll (1832 - 1898)

De acordo com a Lei nº 9.610/1998, os direitos patrimoniais expiram 70 anos após a morte do autor, contados a partir de 1º de janeiro do ano seguinte ao falecimento.

Lewis Carroll faleceu em 1898.

Situação no Brasil: DOMÍNIO PÚBLICO.

Portugal

Autor: Lewis Carroll (1832 - 1898)

De acordo com o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, a proteção patrimonial dura 70 anos após a morte do autor.

Lewis Carroll faleceu em 1898.

Situação em Portugal: DOMÍNIO PÚBLICO.

Dados da publicação original

Obra original: Alice's Adventures in Wonderland

Autor: Lewis Carroll

Primeira publicação: 1865

Primeiro editor: Macmillan and Co.

Verifique você mesmo

As fontes abaixo permitem verificar gratuitamente a identificação da obra, a data de publicação e, no caso do Project Gutenberg, o status de domínio público nos Estados Unidos:

→ **Project Gutenberg** — <https://www.gutenberg.org/ebooks/928>

O registro do Project Gutenberg identifica esta obra como domínio público nos Estados Unidos.

→ **Internet Archive** — https://archive.org/details/bwb_KS-433-462

Preserva digitalizações e registros bibliográficos de edições impressas da obra original.

Esta adaptação ESL Easy Read

Nenhum direito autoral é reivindicado sobre o texto original em domínio público. A estrutura editorial desta edição, as versões de leitura simplificada, as traduções de apoio, o layout, a capa e o aparato pedagógico são protegidos por direitos autorais.

© 2026 MicMac from Las Vegas LLC. Todos os direitos reservados.

Introdução

Como ler este livro

Cada livro desta coleção é apresentado em um nível de leitura simplificada, de acordo com o CEFR - Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

A2 - Básico: indicado para leitores que já compreendem frases simples, vocabulário frequente e textos curtos sobre situações do cotidiano.

B1 - Intermediário: indicado para leitores que conseguem compreender as ideias principais de textos claros e acompanhar uma narrativa com vocabulário e estruturas de dificuldade moderada.

B2 - Intermediário avançado: indicado para leitores que já conseguem compreender textos mais complexos, acompanhar descrições detalhadas e reconhecer uma variedade maior de vocabulário e estruturas gramaticais.

Este livro foi adaptado para o nível B1.

Você pode começar a lê-lo mesmo sem dominar completamente o inglês. O texto foi simplificado para facilitar a compreensão, preservando a história, os personagens, o ambiente e os principais acontecimentos da obra original.

O objetivo não é substituir a obra original, mas criar uma passagem gradual entre o inglês que você já conhece e a linguagem literária do texto completo.

Como usar En/Pt

No texto simplificado em inglês, En/Pt abre a página correspondente.

A página En/Pt apresenta três camadas independentes, sempre nesta ordem: a tradução em português do texto simplificado; o trecho correspondente do original em inglês; e a tradução em português do original.

No texto original em inglês, Pt abre diretamente o mesmo parágrafo na versão portuguesa. Nessa versão, En retorna ao mesmo parágrafo no

texto original em inglês. Na página [En/Pt, Original English](#) retorna de Original Português ao mesmo parágrafo original.

Como usar o glossário

As palavras e expressões incluídas no glossário são marcadas no texto. Clique ou selecione uma delas para abrir a entrada correspondente.

Cada entrada apresenta:

- a palavra ou expressão original em inglês;
- a sua pronúncia fonética;
- a tradução em português;
- um exemplo de uso em português;
- um exemplo de uso em inglês;
- até seis trechos do livro em que a palavra ou expressão aparece, ou todos os trechos disponíveis quando houver menos de seis ocorrências.

Cada ocorrência apresentada no glossário inclui um link direto para o ponto exato do livro em que a palavra ou expressão foi usada.

Depois de consultar uma ocorrência, o leitor pode retornar diretamente ao ponto do texto de onde abriu o glossário ou navegar para qualquer outra ocorrência da mesma palavra ou expressão dentro do livro.

A função da tradução em português

Procuramos oferecer traduções em português claras, naturais e literariamente agradáveis, tanto para o texto simplificado quanto para o texto original.

Ainda assim, a tradução deve ser entendida apenas como instrumento de apoio. Este livro não foi concebido para ser lido principalmente em português: seu objetivo é ajudar você a ler em inglês e recorrer ao português somente quando necessário.

Sempre que possível, tente primeiro compreender o trecho em inglês. Consulte a tradução para confirmar o sentido, esclarecer uma dificuldade ou comparar estruturas; depois, retorne ao texto em inglês.

Sobre este livro

Alice segue um Coelho Branco apressado por uma toca e entra no País das Maravilhas, um lugar onde o tamanho, a linguagem e a lógica mudam sem aviso. Ela encontra uma Lagarta que fuma cachimbo, o sorridente Gato de Cheshire, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março e a violenta Rainha de Copas. Enquanto tenta compreender as regras desse mundo estranho, cada conversa se transforma em enigma e cada solução cria um novo problema. Sua jornada termina em um julgamento caótico por causa de tortas roubadas, quando Alice finalmente desafia os absurdos da corte e desperta ao lado da irmã, levando consigo a lembrança de um sonho extraordinário.

Sobre o autor

Lewis Carroll era o pseudônimo literário de Charles Lutwidge Dodgson, nascido em 27 de janeiro de 1832, em Daresbury, na Inglaterra. Estudou e lecionou matemática em Christ Church, Oxford, onde passou parte da vida. Foi lógico, fotógrafo, poeta e diácono anglicano. Sua fama mundial veio com *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, publicado em 1865, e com *Através do Espelho*, de 1871. Nessas obras, combinou fantasia, paradoxos, jogos de palavras e situações absurdas, criando literatura infantil capaz de desafiar leitores adultos. Dodgson publicou estudos de matemática e lógica sob seu nome verdadeiro. Morreu em 14 de janeiro de 1898, em Guildford. Seus personagens e invenções linguísticas continuam presentes na literatura, no cinema, no teatro e na cultura popular.

Contato

MicMac from Las Vegas LLC

Contato: admin@esleasyread.com

Outros livros disponíveis na série ESL Easy Read

Conheça também os outros livros disponíveis, organizados por coleção:

Coleção A Selva de Burroughs:

- Jungle Tales of Tarzan
- Tarzan and the Ant Men

- Tarzan and the City of Gold
- Tarzan and the Golden Lion
- Tarzan and the Jewels of Opar
- Tarzan and the Lost Empire
- Tarzan at the Earth's core
- Tarzan of the Apes
- Tarzan the Invincible
- Tarzan the Terrible
- Tarzan the Untamed
- Tarzan Triumphant
- Tarzan, Lord of the Jungle
- The Beasts of Tarzan
- The Return of Tarzan
- The Son of Tarzan
- The Tarzan Twins

Coleção Adventure:

- Kim
- Martin Eden
- The Call of the Wild
- The Jungle Book
- The Sea-Wolf
- White Fang

Coleção Alice in Wonderland:

- Alice's Adventures in Wonderland
- ALICE'S ADVENTURES UNDER GROUND
- Through the Looking-Glass, and What Alice Found There

Coleção Anne of Green Gables:

- Anne of Avonlea
- Anne of Green Gables
- Anne of the Island
- Anne's House of Dreams

- Further Chronicles of Avonlea
- Kilmeny of the Orchard
- Rainbow Valley
- Rilla of Ingleside
- The Golden Road

Coleção Charles Dickens:

- A Christmas Carol in Prose Being a Ghost Story of Christmas
- A Tale of Two Cities

Coleção Classics:

- Ivanhoe
- Little Women; Or, Meg, Jo, Beth, and Amy
- Middlemarch
- Moby Dick; Or, The Whale
- North and South
- Peter Pan (Peter and Wendy)
- Tess of the d'Urbervilles: A Pure Woman
- The Blue Castle: a novel
- The Enchanted April
- The Great Gatsby
- The Green Mummy
- The Woman in White
- Uncle Tom's Cabin or Life among the Lowly

Coleção Doctor Dolittle:

- Doctor Dolittle in the Moon
- Doctor Dolittle's Caravan
- Doctor Dolittle's Circus
- Doctor Dolittle's Post Office
- The Story of Doctor Dolittle
- The Voyages of Doctor Dolittle

Coleção Gothic and Terror:

- Dracula
- Frankenstein
- THE FALL OF THE HOUSE OF USHER
- The Mysteries of Udolpho
- The Picture of Dorian Gray
- THE STRANGE CASE OF DR. JEKYLL AND MR. HYDE

Coleção H. G. Wells:

- The First Men in the Moon
- The Invisible Man
- The Island of Doctor Moreau
- The Time Machine
- The War of the Worlds

Coleção Jules Verne:

- A Journey to the Centre of the Earth
- Around the World in Eighty Days
- Five Weeks in a Balloon
- Off on a Comet a Journey through Planetary Space
- Robur the Conqueror
- The Giant Raft
- The Mysterious Island
- Twenty Thousand Leagues under the Sea

Coleção Mark Twain:

- A Connecticut Yankee in King Arthur's Court
- The Adventures of Huckleberry Finn
- The Adventures of Tom Sawyer
- The Prince and the Pauper
- Tom Sawyer Abroad
- Tom Sawyer, Detective

Coleção Marte de Burroughs:

- A Fighting Man of Mars

- A Princess of Mars
- The Chessmen of Mars
- The Gods of Mars
- The Master Mind of Mars
- The Warlord of Mars
- Thuvia, Maid of Mars

Coleção Sherlock Holmes:

- His Last Bow
- The Adventures of Sherlock Holmes
- The Casebook of Sherlock Holmes
- The Hound of the Baskervilles
- The Memoirs of Sherlock Holmes
- The Return of Sherlock Holmes
- The Sign of the Four
- The Valley of Fear

Coleção The Land of Oz:

- Glinda of Oz
- Ozma of Oz
- Rinkitink in Oz
- The Emerald City of Oz
- The Lost Princess of Oz
- The Magic of Oz
- The Marvelous Land of Oz
- The Patchwork Girl of Oz
- The Road to Oz
- The Scarecrow of Oz
- The Tin Woodman of Oz
- The Woggle-Bug Book
- The Wonderful Wizard of Oz
- Tik-Tok of Oz

www.esleasyread.com

Index - Reading Comprehension B1

[Chapter I](#)

[Chapter II](#)

Chapter I

En/Pt Alice was tired of sitting by her sister on the river bank. She had nothing to do, and the book her sister was reading had no pictures or conversation. Alice thought books like that were useless. Then she saw a White Rabbit with pink eyes run past her. At first, this did not seem strange. But then the Rabbit took a watch from its waistcoat pocket, looked at it, and hurried on. Alice had never seen a rabbit with a waistcoat pocket or a watch. Filled with curiosity, she ran after it and saw it disappear into a large rabbit-hole under the hedge.

En/Pt A moment later, Alice went down the hole after the Rabbit. She never stopped to think how she would get out again. The rabbit-hole went straight like a tunnel for some way, then dropped suddenly down. Before Alice could stop herself, she was falling down a very deep well. Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time to look around as she went down. First she tried to see what was below, but it was too dark. Then she looked at the sides of the well. They were full of cupboards and bookshelves. Here and there she saw maps and pictures hanging on pegs. She took a jar from a shelf as she passed. It was labelled 'ORANGE MARMALADE', but to her great disappointment it was empty. She did not want to drop the jar, because it might kill somebody below. So she managed to put it into a cupboard as she fell past. 'Well!' thought Alice. 'After a fall like this, falling down stairs will be nothing! How brave they will all think me at home!' Down, down, down. Would the fall never end? 'I wonder how many miles I have fallen by now,' she said aloud. 'I must be getting near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think.' Then she began to wonder if she would fall right through the earth and come out among people who walk with their heads down. Soon she began talking again. 'Dinah will miss me very much tonight!' (Dinah was her cat.) 'I hope they remember her milk at tea-time. Dinah, my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, but you might catch a bat, and a bat is very like a mouse. But do cats eat bats?' Alice was getting sleepy now. She was just starting to dream that she was walking hand in hand with Dinah when suddenly - thump! thump! - she landed on a heap of sticks and dry leaves. The fall was over. Alice was not hurt at all, and she jumped up at once. It was all dark above her, but in front of her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight,

hurrying along it. There was not a moment to lose. Alice ran like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, 'Oh my ears and whiskers, how late it's getting!' She was close behind it at the corner, but the Rabbit was gone. She found herself in a long, low hall, lit up by a row of lamps hanging from the roof. There were doors all round the hall, but they were all locked. Alice tried every door, and then walked sadly down the middle, wondering how she would ever get out again. Suddenly she came upon a little table with three legs, made of solid glass. There was nothing on it except a tiny golden key. Alice thought it might belong to one of the doors, but alas! Either the locks were too large, or the key was too small. It would not open any of them. However, on her second walk round, she found a low curtain she had not noticed before. Behind it was a little door about fifteen inches high. She tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted! The door led into a small passage, not much larger than a rat-hole. Alice knelt down and looked along it into the loveliest garden you ever saw. How she longed to get out of that dark hall and walk among those bright flowers and cool fountains! But she could not even get her head through the doorway. 'Oh, how I wish I could shut up like a telescope!' thought poor Alice. 'I think I could, if I only knew how to begin.' So many strange things had happened lately that Alice had begun to think very few things were really impossible. There seemed no use in waiting by the little door, so she went back to the table, half hoping to find another key on it. This time she found a little bottle on it ('which certainly was not here before,' said Alice). Around the neck of the bottle was a paper label with the words 'DRINK ME' beautifully printed on it in large letters.

En/Pt It was all very well to say 'Drink me', but wise little Alice was not going to do that in a hurry. 'No, I'll look first,' she said, 'and see whether it is marked "poison" or not.' She had read several nice little stories about children who got burnt, or eaten by wild animals, and other unpleasant things, all because they would not remember the simple rules their friends had taught them. One rule she had never forgotten: if you drink much from a bottle marked 'poison', it will almost certainly hurt you, sooner or later. However, this bottle was not marked 'poison', so Alice dared to taste it, and found it very nice. It had a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pineapple, roast turkey, toffee and hot buttered toast. She very soon finished it off. 'What a curious feeling!' said Alice. 'I must be shutting up like a telescope.' And so it was: she was now only

ten inches high. Her face brightened at the thought that she was now the right size to go through the little door into that lovely garden. First, however, she waited a few minutes to see if she was going to shrink any further. She felt a little nervous about this. 'It might end, you know,' said Alice to herself, 'with me going out altogether, like a candle. I wonder what I should be like then?' After a while, finding that nothing more happened, she decided to go into the garden at once. But poor Alice! When she got to the door, she found she had forgotten the little golden key. She went back to the table for it, but she could not possibly reach it. She could see it quite plainly through the glass. She tried her best to climb up one of the table legs, but it was too slippery. When she had tired herself out with trying, the poor little thing sat down and cried. 'Come, there's no use in crying like that!' said Alice to herself, rather sharply. 'I advise you to stop this minute!' She generally gave herself very good advice, though she very seldom followed it. This curious child was very fond of pretending to be two people. 'But it's no use now,' thought poor Alice, 'to pretend to be two people! Why, there's hardly enough of me left to make one whole person!' Soon her eye fell on a little glass box lying under the table. She opened it and found a very small cake, with the words 'EAT ME' beautifully marked in currants. 'Well, I'll eat it,' said Alice. 'If it makes me grow larger, I can reach the key. And if it makes me grow smaller, I can creep under the door. Either way I'll get into the garden, and I don't care which happens!' She ate a little bit and said anxiously to herself, 'Which way? Which way?' She held her hand on top of her head to feel which way she was growing. She was quite surprised to find that she stayed the same size. Of course, this is what generally happens when one eats cake. But Alice had begun to expect only strange things to happen, and it seemed quite dull for life to go on in the common way. So she set to work, and very soon finished off the cake.

Chapter II

En/Pt 'Curiouser and curiouser!' cried Alice. She was so surprised that for the moment she quite forgot how to speak good English. 'Now I'm opening out like the largest telescope that ever was! Good-bye, feet!' When she looked down at her feet, they seemed almost out of sight, they were getting so far away. 'Oh, my poor little feet! I wonder who will put on your shoes and stockings for you now, dears? I'm sure I shan't be able to! I shall be much too far away to look after you. You must manage the best way you can. But I must be kind to them,' thought Alice, 'or perhaps they won't walk the way I want to go! Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas.' And she went on planning to herself how she would manage it. 'The boots must go by the carrier,' she thought. 'And how funny it will seem, sending presents to one's own feet! And how odd the address will look!'

En/Pt Alice's right foot, Esq.

Hearthrug,

Near the fender,

With Alice's love.

En/Pt 'Oh dear, what nonsense I'm talking!' Just then her head hit the roof of the hall. She was now more than nine feet tall. She quickly took the little golden key and went to the garden door. Poor Alice could only lie on one side and look into the garden with one eye. Getting through was now even more impossible. She sat down and cried again. 'You ought to be ashamed of yourself,' said Alice, 'a great girl like you' - and she really was great - 'to go on crying like this! Stop this moment, I tell you!' But she cried on, until there was a large pool of tears around her, about four inches deep and reaching halfway down the hall. After a while, she heard little feet coming from far away. She quickly dried her eyes to see what was coming. It was the White Rabbit, dressed very finely, with white kid gloves in one hand and a large fan in the other. He hurried along and muttered, 'Oh! the Duchess, the Duchess! Oh! won't she be angry if I've kept her waiting!' Alice was so upset that she was ready to ask anyone for help. So when the Rabbit came near, she said in a small, shy voice, 'If you please, sir - ' The Rabbit jumped in fear, dropped the gloves and fan, and ran off into the darkness as fast as he could.

En/Pt Alice picked up the fan and gloves. The hall was very hot, so she kept fanning herself as she spoke. 'Dear, dear! How strange everything is today! And yesterday everything was normal. I wonder if I changed in the night? Let me think: was I the same when I got up this morning? I almost think I remember feeling a little different. But if I am not the same, then who in the world am I? Ah, that is the big puzzle!' She thought about the children she knew who were her age, to see if she might have changed into one of them. 'I'm sure I'm not Ada,' she said, 'because her hair has long ringlets, and mine does not. And I'm sure I can't be Mabel, because I know all kinds of things, and she knows so little! Besides, she is she, and I am I, and - oh dear, how confusing it all is! I'll try to remember things I used to know. Let me see: four times five is twelve, and four times six is thirteen, and four times seven is - oh dear! I shall never get to twenty like this! Still, the multiplication table does not matter. Let's try geography. London is the capital of Paris, and Paris is the capital of Rome, and Rome - no, that is all wrong, I know it! I must have been changed for Mabel! I'll try to say "How doth the little - "' She crossed her hands on her lap as if she were in a lesson and began to repeat it, but her voice sounded rough and strange, and the words were not right: 'How doth the little crocodile Improve his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,' said poor Alice. Her eyes filled with tears again. 'I must be Mabel after all, and I shall have to live in that tiny little house, with hardly any toys and so many lessons to learn! No, I have made up my mind. If I am Mabel, I'll stay down here! It will be no use for them to call me back. I shall only ask, "Who am I then? Tell me that first. And if I like being that person, I'll come up; if not, I'll stay here till I'm somebody else." But oh dear!' she cried, bursting into tears again, 'I do wish they would call me! I am so tired of being all alone here!' As she spoke, she looked at her hands and saw, to her surprise, that she had put on one of the Rabbit's little white kid gloves. 'How did I do that?' she thought. 'I must be getting small again.' She stood up and went to the table to measure herself. She was now about two feet tall, and she was shrinking very fast. She soon saw that the fan was causing it, so she dropped it quickly, just in time to stop herself from shrinking away completely. 'That was close!' said Alice, frightened by the sudden change, but glad to still be alive. 'And now for the garden!' She ran as fast as she could back to the little door, but alas,

it was shut again, and the little golden key was lying on the glass table as before. 'Things are worse than ever,' thought the poor child, 'because I have never been this small before, never! And I say it's too bad, it really is!' As she said this, her foot slipped, and in the next moment, splash! she was up to her chin in salt water. At first she thought she had fallen into the sea. 'Then I can go back by railway,' she told herself. But she soon saw that she was in the pool of tears she had cried when she was nine feet tall. 'I wish I hadn't cried so much!' said Alice, swimming about and trying to find a way out. 'I suppose I'll be punished by being drowned in my own tears! That would be strange, certainly. Still, everything is strange today.' Just then she heard something splashing nearby, and swam closer. At first she thought it might be a walrus or a hippopotamus, but then she remembered how small she was and saw it was only a mouse, caught in the pool like herself. 'Would it help to speak to this mouse now?' thought Alice. 'Everything is so unusual down here that it probably can talk. At least there is no harm in trying.' So she said, 'O Mouse, do you know the way out of this pool? I am very tired of swimming here, O Mouse!' The Mouse looked at her curiously, and Alice thought it winked at her, but it said nothing. 'Perhaps it does not understand English,' she thought. 'I daresay it is a French mouse, come over with William the Conqueror.' So she tried again: 'Ou est ma chatte?' That was the first sentence in her French lesson book. The Mouse jumped out of the water and shook with fear. 'Oh, I beg your pardon!' cried Alice at once, afraid she had hurt its feelings. 'I quite forgot you do not like cats.' 'Not like cats!' cried the Mouse in a sharp, angry voice. 'Would you like cats if you were me?' 'Well, perhaps not,' said Alice kindly. 'Do not be angry. I wish I could show you our cat Dinah. I think you would like cats if you saw her. She is such a dear quiet thing,' Alice went on, partly to herself, while she floated lazily in the pool, 'and she sits by the fire purring nicely, licking her paws and washing her face. She is such a lovely soft thing to hold. And she is very good at catching mice - oh, I beg your pardon!' she cried again, because the Mouse was bristling and seemed deeply offended. 'We will not talk about her any more if you do not want to.' 'We indeed!' cried the Mouse, shaking all over. 'As if I would talk about such a thing! Our family always hated cats: nasty, low, vulgar things! Do not say the name again!' 'I won't, indeed!' said Alice quickly, eager to change the subject. 'Are you - are you fond of - of dogs?' The Mouse did not answer, so Alice went on fast: 'There is such a nice little dog near our house that I should like to show you! A bright-eyed little

terrier, with long curly brown hair. It fetches things when you throw them, and sits up and begs for its dinner, and all sorts of things - I can't remember half of them - and it belongs to a farmer, who says it is so useful that it is worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and - oh dear!' she cried sadly, 'I'm afraid I have offended it again!' For the Mouse was swimming away as hard as it could, making a great disturbance in the pool. So she called softly after it, 'Mouse dear! Do come back, and we won't talk about cats or dogs either, if you do not like them!' When the Mouse heard this, it turned and swam slowly back. Its face was very pale, and it said in a low shaking voice, 'Let us get to the shore, and then I'll tell you my history, and you will understand why I hate cats and dogs.' It was time to go, because the pool was getting crowded with birds and animals that had fallen in. There were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other strange creatures. Alice led the way, and the whole group swam to the shore.

Index - Original English Text

[Chapter I](#)

[Chapter II](#)

Chapter I

Pt Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, 'and what is the use of a book,' thought Alice 'without pictures or conversation?' So she was considering in her own mind (as well as she could, for the hot day made her feel very sleepy and stupid), whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a White Rabbit with pink eyes ran close by her. There was nothing so very remarkable in that; nor did Alice think it so very much out of the way to hear the Rabbit say to itself, 'Oh dear! Oh dear! I shall be late!' (when she thought it over afterwards, it occurred to her that she ought to have wondered at this, but at the time it all seemed quite natural); but when the Rabbit actually took a watch out of its waistcoat - pocket , and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, for it flashed across her mind that she had never before seen a rabbit with either a waistcoat-pocket, or a watch to take out of it, and burning with curiosity, she ran across the field after it, and fortunately was just in time to see it pop down a large rabbit-hole under the hedge.

Pt In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again. The rabbit-hole went straight on like a tunnel for some way, and then dipped suddenly down, so suddenly that Alice had not a moment to think about stopping herself before she found herself falling down a very deep well. Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time as she went down to look about her and to wonder what was going to happen next. First, she tried to look down and make out what she was coming to, but it was too dark to see anything; then she looked at the sides of the well, and noticed that they were filled with cupboards and book-shelves; here and there she saw maps and pictures hung upon pegs. She took down a jar from one of the shelves as she passed; it was labelled 'ORANGE MARMALADE', but to her great disappointment it was empty: she did not like to drop the jar for fear of killing somebody, so managed to put it into one of the cupboards as she fell past it. 'Well!' thought Alice to herself, 'after such a fall as this, I shall think nothing of tumbling down stairs! How brave they'll all think me at home! Why, I

wouldn't say anything about it, even if I fell off the top of the house!' (Which was very likely true.) Down, down, down. Would the fall never come to an end! 'I wonder how many miles I've fallen by this time?' she said aloud. 'I must be getting somewhere near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think - ' (for, you see, Alice had learnt several things of this sort in her lessons in the schoolroom, and though this was not a very good opportunity for showing off her knowledge, as there was no one to listen to her, still it was good practice to say it over) ' - yes, that's about the right distance - but then I wonder what Latitude or Longitude I've got to?' (Alice had no idea what Latitude was, or Longitude either, but thought they were nice grand words to say.) Presently she began again. 'I wonder if I shall fall right through the earth! How funny it'll seem to come out among the people that walk with their heads downward! The Antipathies, I think - ' (she was rather glad there was no one listening, this time, as it didn't sound at all the right word) ' - but I shall have to ask them what the name of the country is, you know. Please, Ma'am, is this New Zealand or Australia?' (and she tried to curtsy as she spoke - fancy curtseying as you're falling through the air! Do you think you could manage it?) 'And what an ignorant little girl she'll think me for asking! No, it'll never do to ask: perhaps I shall see it written up somewhere.' Down, down, down. There was nothing else to do, so Alice soon began talking again. 'Dinah'll miss me very much to-night, I should think!' (Dinah was the cat.) 'I hope they'll remember her saucer of milk at tea-time. Dinah my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, I'm afraid, but you might catch a bat, and that's very like a mouse, you know. But do cats eat bats, I wonder?' And here Alice began to get rather sleepy, and went on saying to herself, in a dreamy sort of way, 'Do cats eat bats? Do cats eat bats?' and sometimes, 'Do bats eat cats?' for, you see, as she couldn't answer either question, it didn't much matter which way she put it. She felt that she was dozing off, and had just begun to dream that she was walking hand in hand with Dinah, and saying to her very earnestly, 'Now, Dinah, tell me the truth: did you ever eat a bat?' when suddenly, thump! thump! down she came upon a heap of sticks and dry leaves, and the fall was over. Alice was not a bit hurt, and she jumped up on to her feet in a moment: she looked up, but it was all dark overhead; before her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight, hurrying down it. There was not a moment to be lost: away went Alice like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, 'Oh my ears and whiskers, how late it's

getting!' She was close behind it when she turned the corner, but the Rabbit was no longer to be seen: she found herself in a long, low hall, which was lit up by a row of lamps hanging from the roof. There were doors all round the hall, but they were all locked; and when Alice had been all the way down one side and up the other, trying every door, she walked sadly down the middle, wondering how she was ever to get out again. Suddenly she came upon a little three-legged table, all made of solid glass; there was nothing on it except a tiny golden key, and Alice's first thought was that it might belong to one of the doors of the hall; but, alas! either the locks were too large, or the key was too small, but at any rate it would not open any of them. However, on the second time round, she came upon a low curtain she had not noticed before, and behind it was a little door about fifteen inches high: she tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted! Alice finding tiny door behind curtain Alice opened the door and found that it led into a small passage, not much larger than a rat-hole: she knelt down and looked along the passage into the loveliest garden you ever saw. How she longed to get out of that dark hall, and wander about among those beds of bright flowers and those cool fountains, but she could not even get her head though the doorway; 'and even if my head would go through,' thought poor Alice, 'it would be of very little use without my shoulders. Oh, how I wish I could shut up like a telescope! I think I could, if I only know how to begin.' For, you see, so many out-of-the-way things had happened lately, that Alice had begun to think that very few things indeed were really impossible. There seemed to be no use in waiting by the little door, so she went back to the table, half hoping she might find another key on it, or at any rate a book of rules for shutting people up like telescopes: this time she found a little bottle on it, ('which certainly was not here before,' said Alice,) and round the neck of the bottle was a paper label, with the words 'DRINK ME' beautifully printed on it in large letters.

Pt It was all very well to say 'Drink me,' but the wise little Alice was not going to do that in a hurry. 'No, I'll look first,' she said, 'and see whether it's marked "poison" or not'; for she had read several nice little histories about children who had got burnt, and eaten up by wild beasts and other unpleasant things, all because they would not remember the simple rules their friends had taught them: such as, that a red-hot poker will burn you if you hold it too long; and that if you cut your finger very deeply with a knife, it usually bleeds; and she had never forgotten that, if you drink

much from a bottle marked 'poison,' it is almost certain to disagree with you, sooner or later. However, this bottle was not marked 'poison,' so Alice ventured to taste it, and finding it very nice, (it had, in fact, a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pine-apple, roast turkey, toffee, and hot buttered toast,) she very soon finished it off. 'What a curious feeling!' said Alice; 'I must be shutting up like a telescope.' And so it was indeed: she was now only ten inches high, and her face brightened up at the thought that she was now the right size for going through the little door into that lovely garden. First, however, she waited for a few minutes to see if she was going to shrink any further: she felt a little nervous about this; 'for it might end, you know,' said Alice to herself, 'in my going out altogether, like a candle. I wonder what I should be like then?' And she tried to fancy what the flame of a candle is like after the candle is blown out, for she could not remember ever having seen such a thing. After a while, finding that nothing more happened, she decided on going into the garden at once; but, alas for poor Alice! when she got to the door, she found she had forgotten the little golden key, and when she went back to the table for it, she found she could not possibly reach it: she could see it quite plainly through the glass, and she tried her best to climb up one of the legs of the table, but it was too slippery; and when she had tired herself out with trying, the poor little thing sat down and cried. 'Come, there's no use in crying like that!' said Alice to herself, rather sharply; 'I advise you to leave off this minute!' She generally gave herself very good advice, (though she very seldom followed it), and sometimes she scolded herself so severely as to bring tears into her eyes; and once she remembered trying to box her own ears for having cheated herself in a game of croquet she was playing against herself, for this curious child was very fond of pretending to be two people. 'But it's no use now,' thought poor Alice, 'to pretend to be two people! Why, there's hardly enough of me left to make one respectable person!' Soon her eye fell on a little glass box that was lying under the table: she opened it, and found in it a very small cake, on which the words 'EAT ME' were beautifully marked in currants. 'Well, I'll eat it,' said Alice, 'and if it makes me grow larger, I can reach the key; and if it makes me grow smaller, I can creep under the door; so either way I'll get into the garden, and I don't care which happens!' She ate a little bit, and said anxiously to herself, 'Which way? Which way?', holding her hand on the top of her head to feel which way it was growing, and she was quite surprised to find that she remained the same size: to be sure, this generally happens when one

eats cake, but Alice had got so much into the way of expecting nothing but out-of-the-way things to happen, that it seemed quite dull and stupid for life to go on in the common way. So she set to work, and very soon finished off the cake.

Chapter II

Pt 'Curiouser and curiouser!' cried Alice (she was so much surprised, that for the moment she quite forgot how to speak good English); 'now I'm opening out like the largest telescope that ever was! Good-bye, feet!' (for when she looked down at her feet, they seemed to be almost out of sight, they were getting so far off). 'Oh, my poor little feet, I wonder who will put on your shoes and stockings for you now, dears? I'm sure I shan't be able! I shall be a great deal too far off to trouble myself about you: you must manage the best way you can; - but I must be kind to them,' thought Alice, 'or perhaps they won't walk the way I want to go! Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas.' Alice stretched tall And she went on planning to herself how she would manage it. 'They must go by the carrier,' she thought; 'and how funny it'll seem, sending presents to one's own feet! And how odd the directions will look!

Pt ALICE'S RIGHT FOOT, ESQ.

Pt HEARTHURUG,

Pt NEAR THE FENDER,

Pt (WITH ALICE'S LOVE).

Pt Oh dear, what nonsense I'm talking!' Just then her head struck against the roof of the hall: in fact she was now more than nine feet high, and she at once took up the little golden key and hurried off to the garden door. Poor Alice! It was as much as she could do, lying down on one side, to look through into the garden with one eye; but to get through was more hopeless than ever: she sat down and began to cry again. 'You ought to be ashamed of yourself,' said Alice, 'a great girl like you,' (she might well say this), 'to go on crying in this way! Stop this moment, I tell you!' But she went on all the same, shedding gallons of tears, until there was a large pool all round her, about four inches deep and reaching half down the hall. After a time she heard a little pattering of feet in the distance, and she hastily dried her eyes to see what was coming. It was the White Rabbit returning, splendidly dressed, with a pair of white kid gloves in one hand and a large fan in the other: he came trotting along in a great hurry, muttering to himself as he came, 'Oh! the Duchess, the Duchess! Oh! won't she be savage if I've kept her waiting!' Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one; so, when the Rabbit came near

her, she began, in a low, timid voice, 'If you please, sir - ' The Rabbit started violently, dropped the white kid gloves and the fan, and skurried away into the darkness as hard as he could go.

Pt Alice took up the fan and gloves, and, as the hall was very hot, she kept fanning herself all the time she went on talking: 'Dear, dear! How queer everything is to-day! And yesterday things went on just as usual. I wonder if I've been changed in the night? Let me think: was I the same when I got up this morning? I almost think I can remember feeling a little different. But if I'm not the same, the next question is, Who in the world am I? Ah, that's the great puzzle!' And she began thinking over all the children she knew that were of the same age as herself, to see if she could have been changed for any of them. 'I'm sure I'm not Ada,' she said, 'for her hair goes in such long ringlets, and mine doesn't go in ringlets at all; and I'm sure I can't be Mabel, for I know all sorts of things, and she, oh! she knows such a very little! Besides, she's she, and I'm I, and - oh dear, how puzzling it all is! I'll try if I know all the things I used to know. Let me see: four times five is twelve, and four times six is thirteen, and four times seven is - oh dear! I shall never get to twenty at that rate! However, the Multiplication Table doesn't signify: let's try Geography. London is the capital of Paris, and Paris is the capital of Rome, and Rome - no, that's all wrong, I'm certain! I must have been changed for Mabel! I'll try and say "How doth the little - "" and she crossed her hands on her lap as if she were saying lessons, and began to repeat it, but her voice sounded hoarse and strange, and the words did not come the same as they used to do: - 'How doth the little crocodile Improve his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! 'How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,' said poor Alice, and her eyes filled with tears again as she went on, 'I must be Mabel after all, and I shall have to go and live in that poky little house, and have next to no toys to play with, and oh! ever so many lessons to learn! No, I've made up my mind about it; if I'm Mabel, I'll stay down here! It'll be no use their putting their heads down and saying "Come up again, dear!" I shall only look up and say "Who am I then? Tell me that first, and then, if I like being that person, I'll come up: if not, I'll stay down here till I'm somebody else" - but, oh dear!' cried Alice, with a sudden burst of tears, 'I do wish they would put their heads down! I am so very tired of being all alone here!' As she said this she looked

down at her hands, and was surprised to see that she had put on one of the Rabbit's little white kid gloves while she was talking. 'How can I have done that?' she thought. 'I must be growing small again.' She got up and went to the table to measure herself by it, and found that, as nearly as she could guess, she was now about two feet high, and was going on shrinking rapidly: she soon found out that the cause of this was the fan she was holding, and she dropped it hastily, just in time to avoid shrinking away altogether. 'That was a narrow escape!' said Alice, a good deal frightened at the sudden change, but very glad to find herself still in existence; 'and now for the garden!' and she ran with all speed back to the little door: but, alas! the little door was shut again, and the little golden key was lying on the glass table as before, 'and things are worse than ever,' thought the poor child, 'for I never was so small as this before, never! And I declare it's too bad, that it is!' As she said these words her foot slipped, and in another moment, splash! she was up to her chin in salt water. Her first idea was that she had somehow fallen into the sea, 'and in that case I can go back by railway,' she said to herself. (Alice had been to the seaside once in her life, and had come to the general conclusion, that wherever you go to on the English coast you find a number of bathing machines in the sea, some children digging in the sand with wooden spades, then a row of lodging houses, and behind them a railway station.) However, she soon made out that she was in the pool of tears which she had wept when she was nine feet high. Alice in pool of tears 'I wish I hadn't cried so much!' said Alice, as she swam about, trying to find her way out. 'I shall be punished for it now, I suppose, by being drowned in my own tears! That will be a queer thing, to be sure! However, everything is queer to-day.' Just then she heard something splashing about in the pool a little way off, and she swam nearer to make out what it was: at first she thought it must be a walrus or hippopotamus, but then she remembered how small she was now, and she soon made out that it was only a mouse that had slipped in like herself. Alice with Mouse in pool of tears 'Would it be of any use, now,' thought Alice, 'to speak to this mouse? Everything is so out-of-the-way down here, that I should think very likely it can talk: at any rate, there's no harm in trying.' So she began: 'O Mouse, do you know the way out of this pool? I am very tired of swimming about here, O Mouse!' (Alice thought this must be the right way of speaking to a mouse: she had never done such a thing before, but she remembered having seen in her brother's Latin Grammar, 'A mouse - of a mouse - to a mouse - a mouse - O mouse!' The Mouse

looked at her rather inquisitively, and seemed to her to wink with one of its little eyes, but it said nothing. 'Perhaps it doesn't understand English,' thought Alice; 'I daresay it's a French mouse, come over with William the Conqueror.' (For, with all her knowledge of history, Alice had no very clear notion how long ago anything had happened.) So she began again: 'Ou est ma chatte?' which was the first sentence in her French lesson-book. The Mouse gave a sudden leap out of the water, and seemed to quiver all over with fright. 'Oh, I beg your pardon!' cried Alice hastily, afraid that she had hurt the poor animal's feelings. 'I quite forgot you didn't like cats.' 'Not like cats!' cried the Mouse, in a shrill, passionate voice. 'Would you like cats if you were me?' 'Well, perhaps not,' said Alice in a soothing tone: 'don't be angry about it. And yet I wish I could show you our cat Dinah: I think you'd take a fancy to cats if you could only see her. She is such a dear quiet thing,' Alice went on, half to herself, as she swam lazily about in the pool, 'and she sits purring so nicely by the fire, licking her paws and washing her face - and she is such a nice soft thing to nurse - and she's such a capital one for catching mice - oh, I beg your pardon!' cried Alice again, for this time the Mouse was bristling all over, and she felt certain it must be really offended. 'We won't talk about her any more if you'd rather not.' 'We indeed!' cried the Mouse, who was trembling down to the end of his tail. 'As if I would talk on such a subject! Our family always hated cats: nasty, low, vulgar things! Don't let me hear the name again!' 'I won't indeed!' said Alice, in a great hurry to change the subject of conversation. 'Are you - are you fond - of - of dogs?' The Mouse did not answer, so Alice went on eagerly: 'There is such a nice little dog near our house I should like to show you! A little bright-eyed terrier, you know, with oh, such long curly brown hair! And it'll fetch things when you throw them, and it'll sit up and beg for its dinner, and all sorts of things - I can't remember half of them - and it belongs to a farmer, you know, and he says it's so useful, it's worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and - oh dear!' cried Alice in a sorrowful tone, 'I'm afraid I've offended it again!' For the Mouse was swimming away from her as hard as it could go, and making quite a commotion in the pool as it went. So she called softly after it, 'Mouse dear! Do come back again, and we won't talk about cats or dogs either, if you don't like them!' When the Mouse heard this, it turned round and swam slowly back to her: its face was quite pale (with passion, Alice thought), and it said in a low trembling voice, 'Let us get to the shore, and then I'll tell you my history, and you'll understand why it is I hate cats and dogs.' It was high time to go, for the

pool was getting quite crowded with the birds and animals that had fallen into it: there were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other curious creatures. Alice led the way, and the whole party swam to the shore.

Índice - Versão em Português

[1 - Capítulo I](#)

[2 - Capítulo II](#)

1 - Capítulo I

En Alice estava cansada de ficar sentada ao lado da irmã na margem do rio. Não tinha nada para fazer, e o livro que a irmã estava lendo não tinha figuras nem diálogos. Alice achava que livros assim não serviam para nada. Foi então que viu um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passar correndo perto dela. A princípio, aquilo não pareceu estranho. Mas depois o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele e apressou o passo. Alice nunca tinha visto um coelho com bolso de colete, quanto mais com relógio. Tomada de curiosidade, correu atrás dele e o viu desaparecer dentro de uma grande toca sob a cerca viva.

En Um instante depois, Alice desceu pela toca atrás do Coelho, sem parar sequer para pensar como faria para sair dali depois. A toca seguia reta como um túnel por um bom trecho, e então caía de repente. Antes que Alice pudesse se conter, já estava caindo por um poço muito fundo. Ou o poço era mesmo muito fundo, ou ela caía muito devagar, pois teve bastante tempo para olhar ao redor enquanto descia. Primeiro tentou ver o que havia lá embaixo, mas estava escuro demais. Depois olhou para as paredes do poço, cheias de armários e estantes de livros. Aqui e ali via mapas e quadros pendurados em ganchos. Pegou um pote de uma prateleira ao passar por ela. Estava rotulado "GELEIA DE LARANJA", mas, para sua grande decepção, estava vazio. Ela não quis deixar o pote cair, pois poderia matar alguém lá embaixo, então conseguiu enfiá-lo dentro de um armário enquanto caía. "Bem!", pensou Alice, "depois de uma queda dessas, cair da escada não será nada! Como vão me achar corajosa lá em casa!" Para baixo, para baixo, para baixo. Será que a queda nunca terminaria? "Gostaria de saber quantos quilômetros já cai", disse em voz alta. "Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso deve ser umas seis mil quilômetros para baixo, eu acho." Então começou a imaginar se cairia direto através da Terra e sairia entre pessoas que andam de cabeça para baixo. Logo voltou a falar sozinha. "A Dinah vai sentir muito a minha falta esta noite!" (Dinah era a sua gata.) "Espero que se lembrem do leite dela na hora do chá. Dinah, minha querida! Quem me dera que você estivesse aqui comigo! Não há ratos no ar, mas você poderia pegar um morcego, que é bem parecido com um rato. Mas será que gato come morcego?" Alice já estava com sono. Estava justamente começando a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah quando, de repente - plaft! plaft! -

caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. A queda tinha terminado. Alice não se machucou nem um pouco e se levantou na hora. Estava tudo escuro acima dela, mas à frente havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, apressando-se por ela. Não havia um segundo a perder. Alice correu como o vento e chegou bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: "Ah, minhas orelhas e meus bigodes, como está ficando tarde!" Ela estava logo atrás dele na esquina, mas o Coelho tinha sumido. Viu-se então num corredor comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas por toda a volta do corredor, mas todas trancadas. Alice experimentou abrir cada uma delas e depois caminhou triste pelo meio do corredor, imaginando como conseguiria sair dali outra vez. De repente, deparou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço. Não havia nada sobre ela, a não ser uma minúscula chave de ouro. Alice pensou que devia pertencer a alguma das portas, mas, aí de mim! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais. Ela não abria nenhuma delas. No entanto, numa segunda volta pelo corredor, encontrou uma cortina baixa que não tinha notado antes. Atrás dela havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura. Experimentou a pequena chave de ouro na fechadura e, para sua grande alegria, ela serviu! A porta dava para uma passagem estreita, pouco maior que uma toca de rato. Alice se ajoelhou e olhou por ela para dentro do jardim mais lindo que se possa imaginar. Como desejava sair daquele corredor escuro e caminhar entre aquelas flores brilhantes e fontes frescas! Mas nem sequer conseguia enfiar a cabeça pela porta. "Ah, como eu gostaria de poder me fechar como uma luneta!", pensou a pobre Alice. "Acho que conseguiria, se ao menos soubesse por onde começar." Tantas coisas estranhas tinham acontecido ultimamente que Alice já começava a achar que pouquíssimas coisas eram realmente impossíveis. Não adiantava esperar junto à portinha, então voltou para a mesa, na esperança de encontrar outra chave sobre ela. Dessa vez encontrou um frasquinho ("que certamente não estava aqui antes", disse Alice). Em volta do gargalo do frasco havia uma etiqueta de papel com as palavras "BEBA-ME" lindamente impressas em letras grandes.

En Era muito fácil dizer "Beba-me", mas a sensata Alice não ia fazer isso de qualquer jeito. "Não, primeiro vou olhar", disse ela, "e ver se está marcado 'veneno' ou não." Ela tinha lido várias historinhas bonitas sobre

crianças que se queimaram, ou foram devoradas por animais selvagens, e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras simples que os amigos lhes tinham ensinado. Havia uma regra que ela jamais esquecera: se você beber muito de um frasco marcado "veneno", isso quase certamente vai lhe fazer mal, mais cedo ou mais tarde. Contudo, aquele frasco não estava marcado "veneno", então Alice se arriscou a experimentá-lo, e achou o sabor muito bom. Tinha uma espécie de mistura de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga. Ela terminou de bebê-lo bem depressa. "Que sensação curiosa!", disse Alice. "Devo estar me fechando como uma luneta." E era exatamente isso: agora ela tinha apenas vinte e cinco centímetros de altura. Seu rosto se iluminou ao pensar que agora tinha o tamanho certo para atravessar a portinha e chegar àquele lindo jardim. Primeiro, porém, esperou alguns minutos para ver se continuaria encolhendo. Ficou um pouco nervosa com essa ideia. "Pode acabar", disse Alice a si mesma, "comigo desaparecendo de vez, como uma vela. Como será que eu ficaria então?" Depois de um tempo, vendo que nada mais acontecia, decidiu ir logo para o jardim. Mas, pobre Alice! Quando chegou à porta, percebeu que tinha esquecido a pequena chave de ouro. Voltou à mesa para buscá-la, mas de jeito nenhum conseguia alcançá-la. Podia vê-la perfeitamente através do vidro. Tentou o máximo que pôde subir por uma das pernas da mesa, mas era escorregadia demais. Depois de se cansar tanto de tentar, a pobrezinha se sentou e chorou. "Ora, não adianta nada chorar assim!", disse Alice a si mesma, com certa aspereza. "Aconselho você a parar agora mesmo!" Costumava dar a si mesma bons conselhos, embora raramente os seguisse. Essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. "Mas agora não adianta", pensou a pobre Alice, "fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobrou de mim o suficiente para fazer uma pessoa inteira!" Logo seu olhar caiu sobre uma caixinha de vidro debaixo da mesa. Abriu-a e encontrou um bolinho bem pequeno, com as palavras "COMA-ME" lindamente marcadas em passas de corinto. "Bem, vou comê-lo", disse Alice. "Se me fizer crescer, poderei alcançar a chave. E se me fizer encolher, poderei rastejar por baixo da porta. De um jeito ou de outro, chegarei ao jardim, e não me importa qual dos dois será!" Comeu um pedacinho e disse ansiosa para si mesma: "Para que lado? Para que lado?" Colocou a mão sobre a cabeça para sentir para que lado estava crescendo. Ficou bem surpresa ao perceber que continuava do mesmo tamanho. Claro que é isso o que geralmente acontece

quando se come bolo. Mas Alice já tinha começado a esperar que só acontecessem coisas estranhas, e achava bastante monótono que a vida seguisse do jeito comum. Então se pôs a trabalhar, e logo terminou de comer o bolo.

2 - Capítulo II

En "Cada vez mais estranho!", exclamou Alice. Estava tão espantada que, por um instante, esqueceu completamente como se fala um bom português. "Agora estou me abrindo como a maior luneta que já existiu! Adeus, pés!" Quando olhou para baixo, para os próprios pés, eles pareciam quase fora de vista, tão longe estavam ficando. "Ah, meus pobres pezinhos! Quem será que vai calçar vocês daqui em diante, queridos? Tenho certeza de que não poderei ser eu! Vou estar longe demais para cuidar de vocês. Terão de se virar do melhor jeito que puderem. Mas preciso ser gentil com eles", pensou Alice, "ou talvez não caminhem para onde eu quiser ir! Deixe-me ver: vou lhes dar um par de botas novas todo Natal." E continuou planejando como faria isso. "As botas terão que ir pelo correio", pensou. "E como vai ser engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como vai parecer estranho o endereço!"

En Ao Sr. Pé Direito de Alice

En Tapete da Lareira,

En Perto da Guarda-fogo,

En Com o carinho de Alice.

En "Ai, meu Deus, que disparate estou dizendo!" Bem nesse instante, sua cabeça bateu no teto do corredor. Ela agora media mais de dois metros e setenta. Pegou depressa a pequena chave de ouro e foi até a porta do jardim. A pobre Alice só conseguia deitar-se de lado e olhar para o jardim com um olho só. Atravessar a porta agora era ainda mais impossível. Sentou-se e chorou de novo. "Você devia ter vergonha", disse Alice, "uma menina tão grande quanto você" - e ela era mesmo grande - "chorar desse jeito! Pare agora mesmo, estou lhe dizendo!" Mas continuou chorando, até que se formou ao seu redor uma grande poça de lágrimas, com uns dez centímetros de profundidade e alcançando metade do corredor. Depois de um tempo, ouviu passinhos vindo de longe. Enxugou depressa os olhos para ver o que se aproximava. Era o Coelho Branco, muito bem vestido, com luvas brancas de pelica numa das mãos e um grande leque na outra. Vinha apressado, resmungando: "Ai! A Duquesa, a Duquesa! Ai, como ela vai ficar zangada se eu a fizer esperar!" Alice estava tão aflita que estava disposta a pedir ajuda a

qualquer um. Assim, quando o Coelho se aproximou, disse com uma vozinha tímida: "Com licença, senhor - " O Coelho deu um pulo de susto, deixou cair as luvas e o leque, e saiu correndo para a escuridão o mais rápido que pôde.

En Alice pegou o leque e as luvas. O corredor estava muito quente, então ela ficou se abanando enquanto falava. "Meu Deus, meu Deus! Como tudo está estranho hoje! E ontem tudo era normal. Será que mudei durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Acho que me lembro de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, então quem diabos sou eu? Ah, esse é o grande mistério!" Pensou nas crianças que conhecia da mesma idade, para ver se poderia ter se transformado em alguma delas. "Tenho certeza de que não sou a Ada", disse, "porque o cabelo dela tem cachos compridos, e o meu não. E tenho certeza de que não posso ser a Mabel, porque eu sei todo tipo de coisa, e ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e - ai, meu Deus, como isso é confuso! Vou tentar lembrar coisas que eu sabia antes. Deixe-me ver: quatro vezes cinco são doze, e quatro vezes seis são treze, e quatro vezes sete é - ai, meu Deus! Nunca vou chegar a vinte desse jeito! Bom, a tabuada não importa. Vamos tentar geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma - não, está tudo errado, eu sei que está! Devo ter virado a Mabel! Vou tentar dizer 'Como faz a laboriosa abelha - '" Cruzou as mãos no colo, como se estivesse numa aula, e começou a recitar, mas sua voz saiu áspera e estranha, e as palavras não saíam certas: "Como faz o crocodilinho Cuidar de sua cauda brilhante, E despeja as águas do Nilo Sobre cada dourada escama! Como parece sorrir contente, Como estica bem as garras, E dá boas-vindas aos peixinhos Com mandíbulas gentis e mansas!" "Tenho certeza de que essas não são as palavras certas", disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas outra vez. "Devo ser a Mabel, afinal, e vou ter que morar naquela casinha minúscula, quase sem brinquedos e com tantas lições para aprender! Não, já me decidi. Se eu sou a Mabel, vou ficar aqui embaixo! De nada vai adiantar me chamarem de volta. Vou apenas perguntar: 'Então quem sou eu? Digam-me isso primeiro. E se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, fico aqui até ser outra pessoa qualquer.' Mas, ai de mim!", gritou, chorando de novo, "eu gostaria tanto que me chamassem! Estou tão cansada de ficar aqui sozinha!" Enquanto falava, olhou para as mãos e viu, surpresa, que tinha calçado uma das

luvinhas brancas de pelica do Coelho. "Como foi que eu fiz isso?", pensou. "Devo estar encolhendo de novo." Levantou-se e foi até a mesa para se medir. Agora tinha mais ou menos sessenta centímetros de altura, e estava encolhendo rapidamente. Logo percebeu que era o leque que estava causando isso, então o largou depressa, bem a tempo de evitar que desaparecesse por completo. "Essa foi por pouco!", disse Alice, assustada com a súbita mudança, mas contente por ainda estar viva. "E agora, para o jardim!" Correu o mais rápido que pôde de volta para a portinha, mas, ai, ela estava fechada de novo, e a pequena chave de ouro estava sobre a mesa de vidro, como antes. "As coisas estão piores do que nunca", pensou a pobre criança, "porque nunca fui tão pequena assim, nunca! E digo que é demais, é mesmo!" Enquanto dizia isso, seu pé escorregou, e no instante seguinte, splash!, estava com a água salgada até o queixo. A princípio pensou que tinha caído no mar. "Então posso voltar de trem", disse a si mesma. Mas logo percebeu que estava na poça de lágrimas que tinha chorado quando media dois metros e setenta. "Quisera eu não ter chorado tanto!", disse Alice, nadando e tentando encontrar uma saída. "Suponho que vou ser castigada por me afogar nas minhas próprias lágrimas! Isso sim seria estranho. Mas, bom, tudo está estranho hoje." Nesse momento ouviu um chape-chape por perto e nadou naquela direção. A princípio pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas então se lembrou do tamanho pequeno que tinha e viu que era apenas um camundongo, também caído na poça, como ela. "Será que adiantaria falar com esse camundongo agora?", pensou Alice. "Tudo é tão fora do comum aqui embaixo que provavelmente ele sabe falar. Pelo menos não custa nada tentar." Então disse: "Ó Camundongo, o senhor sabe o caminho para sair desta poça? Estou muito cansada de nadar aqui, ó Camundongo!" O Camundongo olhou para ela com curiosidade, e Alice achou que ele piscou para ela, mas não disse nada. "Talvez não entenda português", pensou. "Devo dizer que é um camundongo francês, que veio com Guilherme, o Conquistador." Então tentou de novo: "Où est ma chatte?" Essa era a primeira frase do seu livro de lições de francês. O Camundongo saltou para fora da água e tremeu de medo. "Ah, perdão!", exclamou Alice na hora, com medo de tê-lo magoado. "Esqueci completamente que o senhor não gosta de gatos." "Não gostar de gatos!", gritou o Camundongo, numa voz aguda e irritada. "Você gostaria de gatos se fosse eu?" "Bem, talvez não", disse Alice, gentilmente. "Não fique zangado. Quem me dera poder lhe mostrar a nossa gata Dinah. Acho

que o senhor gostaria de gatos se a visse. Ela é uma coisinha tão quieta e querida", continuou Alice, meio para si mesma, enquanto flutuava preguiçosamente na poça, "e fica sentada junto ao fogo, ronronando gostoso, lambendo as patinhas e lavando o rosto. É tão fofa e macia para pegar no colo. E é ótima em pegar camundongos - ai, perdão!", exclamou de novo, pois o Camundongo estava todo eriçado e parecia profundamente ofendido. "Não vamos mais falar dela, se o senhor não quiser." "Nós, é? Nós, uma ova!", gritou o Camundongo, tremendo dos pés à cabeça. "Como se eu fosse falar de uma coisa dessas! Nossa família sempre odiou gatos: bichos nojentos, baixos, vulgares! Não fale esse nome de novo!" "Não vou, prometo!", disse Alice depressa, ansiosa para mudar de assunto. "O senhor... o senhor gosta de... de cachorros?" O Camundongo não respondeu, então Alice continuou depressa: "Há um cachorrinho tão fofo perto da nossa casa que eu gostaria de lhe mostrar! Um terrier de olhos brilhantes, com pelo comprido, castanho e encaracolado. Ele busca as coisas quando a gente joga, e senta e pede a comidinha, e faz um monte de coisas - não consigo me lembrar nem da metade - e pertence a um fazendeiro, que diz que ele é tão útil que vale cem libras! Ele diz que o cachorro mata todos os ratos e - ai, meu Deus!", exclamou tristemente, "acho que o ofendi de novo!" Pois o Camundongo estava nadando para longe o mais rápido que podia, causando um grande alvoroço na poça. Então ela chamou baixinho atrás dele: "Camundongo querido! Volte, por favor, e não vamos mais falar nem de gatos nem de cachorros, já que o senhor não gosta deles!" Ao ouvir isso, o Camundongo se virou e nadou devagar de volta. Seu rosto estava muito pálido, e ele disse numa voz baixa e trêmula: "Vamos até a margem, e então lhe conto minha história, e a senhorita vai entender por que odeio gatos e cachorros." Já estava na hora de ir, porque a poça estava ficando cheia de pássaros e animais que também tinham caído nela. Havia um Pato e um Dodô, uma Arara e uma Aguieta, além de várias outras criaturas estranhas. Alice foi na frente, e o grupo todo nadou até a margem.

Chapter I

B1 Português (simplified)

Alice estava cansada de ficar sentada ao lado da irmã na margem do rio. Não tinha nada para fazer, e o livro que a irmã estava lendo não tinha figuras nem diálogos. Alice achava que livros assim não serviam para nada. Foi então que viu um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passar correndo perto dela. A princípio, aquilo não pareceu estranho. Mas depois o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele e apressou o passo. Alice nunca tinha visto um coelho com bolso de colete, quanto mais com relógio. Tomada de curiosidade, correu atrás dele e o viu desaparecer dentro de uma grande toca sob a cerca viva.

Original English

Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, 'and what is the use of a book,' thought Alice 'without pictures or conversation?' So she was considering in her own mind (as well as she could, for the hot day made her feel very sleepy and stupid), whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a White Rabbit with pink eyes ran close by her. There was nothing so very remarkable in that; nor did Alice think it so very much out of the way to hear the Rabbit say to itself, 'Oh dear! Oh dear! I shall be late!' (when she thought it over afterwards, it occurred to her that she ought to have wondered at this, but at the time it all seemed quite natural); but when the Rabbit actually took a watch out of its waistcoat-pocket, and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, for it flashed across her mind that she had never before seen a rabbit with either a waistcoat-pocket, or a watch to take out of it, and burning with curiosity, she ran across the field after it, and fortunately was just in time to see it pop down a large rabbit-hole under the hedge.

Original Português

Alice estava começando a ficar muito cansada de permanecer sentada ao lado da irmã, na margem do rio, sem ter nada para fazer. Uma ou duas vezes, espiara o livro que a irmã lia, mas ele não tinha figuras nem diálogos. "E para que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem conversas?" Assim, tentava decidir - tão bem quanto conseguia, pois o calor a deixava sonolenta e meio entorpecida - se o prazer de fazer uma corrente de margaridas valeria o trabalho de se levantar e colher as flores,

quando, de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo bem perto dela. Não havia nada de tão extraordinário nisso, e Alice também não achou tão estranho ouvir o Coelho dizer para si mesmo: “Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Vou chegar atrasado!” Mais tarde, ao pensar no caso, percebeu que deveria ter se espantado, mas naquele momento tudo pareceu perfeitamente natural. Porém, quando o Coelho tirou de fato um relógio do bolso do colete, olhou para ele e seguiu apressado, Alice se levantou de um salto. Nunca tinha visto um coelho com bolso no colete, muito menos com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, atravessou o campo correndo atrás do animal e chegou bem a tempo de vê-lo desaparecer numa grande toca sob a cerca viva.

[Back to B1](#) [Original English](#)

B1 Português (simplified)

Um instante depois, Alice desceu pela toca atrás do Coelho, sem parar sequer para pensar como faria para sair dali depois. A toca seguia reta como um túnel por um bom trecho, e então caía de repente. Antes que Alice pudesse se conter, já estava caindo por um poço muito fundo. Ou o poço era mesmo muito fundo, ou ela caía muito devagar, pois teve bastante tempo para olhar ao redor enquanto descia. Primeiro tentou ver o que havia lá embaixo, mas estava escuro demais. Depois olhou para as paredes do poço, cheias de armários e estantes de livros. Aqui e ali via mapas e quadros pendurados em ganchos. Pegou um pote de uma prateleira ao passar por ela. Estava rotulado "GELEIA DE LARANJA", mas, para sua grande decepção, estava vazio. Ela não quis deixar o pote cair, pois poderia matar alguém lá embaixo, então conseguiu enfiá-lo dentro de um armário enquanto caía. "Bem!", pensou Alice, "depois de uma queda dessas, cair da escada não será nada! Como vão me achar corajosa lá em casa!" Para baixo, para baixo, para baixo. Será que a queda nunca terminaria? "Gostaria de saber quantos quilômetros já caí", disse em voz alta. "Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso deve ser umas seis mil quilômetros para baixo, eu acho." Então começou a imaginar se cairia direto através da Terra e sairia entre pessoas que andam de cabeça para baixo. Logo voltou a falar sozinha. "A Dinah vai sentir muito a minha falta esta noite!" (Dinah era a sua gata.) "Espero que se lembrem do leite dela na hora do chá. Dinah, minha querida! Quem me dera que você estivesse aqui comigo! Não há ratos no ar, mas você poderia pegar um morcego, que é bem parecido com um rato. Mas será que gato come morcego?" Alice já estava com sono. Estava justamente começando a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah quando, de repente - plaft! plaft! - caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. A queda tinha terminado. Alice não se machucou nem um pouco e se levantou na hora. Estava tudo escuro acima dela, mas à frente havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, apressando-se por ela. Não havia um segundo a perder. Alice correu como o vento e chegou bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: "Ah, minhas orelhas e meus bigodes, como está ficando tarde!" Ela estava logo atrás dele na esquina, mas o Coelho tinha sumido. Viu-se então num corredor comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas por toda a volta do corredor, mas todas trancadas. Alice experimentou abrir cada uma delas e depois caminhou triste pelo meio do corredor, imaginando como conseguiria sair dali outra vez. De repente, deparou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço. Não havia nada sobre ela, a não ser

uma minúscula chave de ouro. Alice pensou que devia pertencer a alguma das portas, mas, ai de mim! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais. Ela não abria nenhuma delas. No entanto, numa segunda volta pelo corredor, encontrou uma cortina baixa que não tinha notado antes. Atrás dela havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura. Experimentou a pequena chave de ouro na fechadura e, para sua grande alegria, ela serviu! A porta dava para uma passagem estreita, pouco maior que uma toca de rato. Alice se ajoelhou e olhou por ela para dentro do jardim mais lindo que se possa imaginar. Como desejava sair daquele corredor escuro e caminhar entre aquelas flores brilhantes e fontes frescas! Mas nem sequer conseguia enfiar a cabeça pela porta. "Ah, como eu gostaria de poder me fechar como uma luneta!", pensou a pobre Alice. "Acho que conseguiria, se ao menos soubesse por onde começar." Tantas coisas estranhas tinham acontecido ultimamente que Alice já começava a achar que pouquíssimas coisas eram realmente impossíveis. Não adiantava esperar junto à portinha, então voltou para a mesa, na esperança de encontrar outra chave sobre ela. Dessa vez encontrou um frasquinho ("que certamente não estava aqui antes", disse Alice). Em volta do gargalo do frasco havia uma etiqueta de papel com as palavras "BEBA-ME" lindamente impressas em letras grandes.

Original English

In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again. The rabbit-hole went straight on like a tunnel for some way, and then dipped suddenly down, so suddenly that Alice had not a moment to think about stopping herself before she found herself falling down a very deep well. Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time as she went down to look about her and to wonder what was going to happen next. First, she tried to look down and make out what she was coming to, but it was too dark to see anything; then she looked at the sides of the well, and noticed that they were filled with cupboards and book-shelves; here and there she saw maps and pictures hung upon pegs. She took down a jar from one of the shelves as she passed; it was labelled 'ORANGE MARMALADE', but to her great disappointment it was empty: she did not like to drop the jar for fear of killing somebody, so managed to put it into one of the cupboards as she fell past it. 'Well!' thought Alice to herself, 'after such a fall as this, I shall think nothing of tumbling down stairs! How brave they'll all think me at home! Why, I wouldn't say anything about it, even if I fell off the top of the house!' (Which was very likely true.) Down, down, down. Would the fall never come to an end! 'I wonder how many miles I've fallen by this time?' she said

aloud. 'I must be getting somewhere near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think - ' (for, you see, Alice had learnt several things of this sort in her lessons in the schoolroom, and though this was not a very good opportunity for showing off her knowledge, as there was no one to listen to her, still it was good practice to say it over) ' - yes, that's about the right distance - but then I wonder what Latitude or Longitude I've got to?' (Alice had no idea what Latitude was, or Longitude either, but thought they were nice grand words to say.) Presently she began again. 'I wonder if I shall fall right through the earth! How funny it'll seem to come out among the people that walk with their heads downward! The Antipathies, I think - ' (she was rather glad there was no one listening, this time, as it didn't sound at all the right word) ' - but I shall have to ask them what the name of the country is, you know. Please, Ma'am, is this New Zealand or Australia?' (and she tried to curtsey as she spoke - fancy curtseying as you're falling through the air! Do you think you could manage it?) 'And what an ignorant little girl she'll think me for asking! No, it'll never do to ask: perhaps I shall see it written up somewhere.' Down, down, down. There was nothing else to do, so Alice soon began talking again. 'Dinah'll miss me very much to-night, I should think!' (Dinah was the cat.) 'I hope they'll remember her saucer of milk at tea-time. Dinah my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, I'm afraid, but you might catch a bat, and that's very like a mouse, you know. But do cats eat bats, I wonder?' And here Alice began to get rather sleepy, and went on saying to herself, in a dreamy sort of way, 'Do cats eat bats? Do cats eat bats?' and sometimes, 'Do bats eat cats?' for, you see, as she couldn't answer either question, it didn't much matter which way she put it. She felt that she was dozing off, and had just begun to dream that she was walking hand in hand with Dinah, and saying to her very earnestly, 'Now, Dinah, tell me the truth: did you ever eat a bat?' when suddenly, thump! thump! down she came upon a heap of sticks and dry leaves, and the fall was over. Alice was not a bit hurt, and she jumped up on to her feet in a moment: she looked up, but it was all dark overhead; before her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight, hurrying down it. There was not a moment to be lost: away went Alice like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, 'Oh my ears and whiskers, how late it's getting!' She was close behind it when she turned the corner, but the Rabbit was no longer to be seen: she found herself in a long, low hall, which was lit up by a row of lamps hanging from the roof. There were doors all round the hall, but they were all locked; and when Alice had been all the way down one side and up the other, trying every door, she walked sadly down the middle, wondering how she was ever to get out again. Suddenly she came upon a little three-legged table, all made of solid glass; there was

nothing on it except a tiny golden key, and Alice's first thought was that it might belong to one of the doors of the hall; but, alas! either the locks were too large, or the key was too small, but at any rate it would not open any of them. However, on the second time round, she came upon a low curtain she had not noticed before, and behind it was a little door about fifteen inches high: she tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted! Alice finding tiny door behind curtain Alice opened the door and found that it led into a small passage, not much larger than a rat-hole: she knelt down and looked along the passage into the loveliest garden you ever saw. How she longed to get out of that dark hall, and wander about among those beds of bright flowers and those cool fountains, but she could not even get her head through the doorway; 'and even if my head would go through,' thought poor Alice, 'it would be of very little use without my shoulders. Oh, how I wish I could shut up like a telescope! I think I could, if I only know how to begin.' For, you see, so many out-of-the-way things had happened lately, that Alice had begun to think that very few things indeed were really impossible. There seemed to be no use in waiting by the little door, so she went back to the table, half hoping she might find another key on it, or at any rate a book of rules for shutting people up like telescopes: this time she found a little bottle on it, ('which certainly was not here before,' said Alice,) and round the neck of the bottle was a paper label, with the words 'DRINK ME' beautifully printed on it in large letters.

Original Português

No instante seguinte, Alice entrou na toca atrás dele, sem pensar por um momento sequer em como conseguiria sair dali depois. A toca seguia reta, como um túnel, por certa distância, e então mergulhava de repente, tão bruscamente que Alice não teve tempo de pensar em parar antes de se ver caindo por um poço muito fundo. Ou o poço era realmente muito profundo, ou ela caía muito devagar, pois teve bastante tempo, durante a descida, para olhar ao redor e imaginar o que aconteceria em seguida. Primeiro tentou olhar para baixo e descobrir onde ia chegar, mas estava escuro demais para enxergar qualquer coisa. Depois observou as paredes do poço e percebeu que estavam cheias de armários e estantes de livros; aqui e ali havia mapas e quadros pendurados em ganchos. Ao passar por uma prateleira, pegou um pote. O rótulo dizia "GELEIA DE LARANJA", mas, para sua grande decepção, o pote estava vazio. Ela não quis deixá-lo cair, com medo de matar alguém lá embaixo, e conseguiu colocá-lo dentro de um dos armários enquanto passava. "Bem!", pensou Alice, "depois de uma queda dessas, não vou dar importância nenhuma a cair da escada! Como todos lá em casa vão me achar corajosa! Ora, eu nem diria nada, mesmo que caísse do telhado!" O que provavelmente era verdade. Para

baixo, para baixo, para baixo. Será que a queda nunca terminaria? “Quantos quilômetros será que já caí?”, disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso daria uns seis mil e quatrocentos quilômetros, eu acho...” Alice aprendera várias coisas desse tipo nas aulas e, embora aquela não fosse uma ocasião muito boa para mostrar seus conhecimentos, já que não havia ninguém para ouvi-la, era bom praticar. “Sim, essa deve ser mais ou menos a distância certa. Mas então em que latitude ou longitude será que estou?” Alice não fazia a menor ideia do que eram latitude e longitude, mas achava que eram palavras bonitas e importantes. Pouco depois, recomeçou: “Será que vou cair atravessando a Terra inteira? Como vai ser engraçado sair no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipáticos, eu acho...” Ficou até contente por ninguém estar ouvindo, pois a palavra não parecia correta. “Mas vou ter de perguntar o nome do país, sabe. Por favor, senhora, isto é a Nova Zelândia ou a Austrália?” E tentou fazer uma reverência enquanto falava. Imagine fazer uma reverência enquanto se cai pelo ar! Você conseguiria? “E ela vai pensar que sou uma menina muito ignorante por perguntar! Não, é melhor não. Talvez eu veja o nome escrito em algum lugar.” Para baixo, para baixo, para baixo. Como não havia mais nada a fazer, Alice logo começou a falar de novo: “Dinah vai sentir muita falta de mim esta noite, eu acho!” Dinah era a gata. “Espero que se lembrem de dar a ela o pires de leite na hora do chá. Dinah, minha querida! Queria que você estivesse aqui comigo! Não há ratos no ar, receio, mas talvez você pudesse pegar um morcego, que se parece muito com um rato. Mas será que gatos comem morcegos?” Alice estava ficando sonolenta e continuou repetindo, num tom de sonho: “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?” Às vezes trocava: “Morcegos comem gatos?” Como não sabia responder a nenhuma das duas perguntas, tanto fazia a ordem. Sentiu que estava cochilando e começou a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah, dizendo com muita seriedade: “Agora, Dinah, diga a verdade: você já comeu um morcego?” quando, de repente - tum! tum! - caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. A queda terminara. Alice não se machucou nem um pouco. Levantou-se imediatamente. Olhou para cima, mas tudo estava escuro sobre sua cabeça. À frente havia outra passagem comprida, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo por ela. Não havia um segundo a perder. Alice disparou como o vento e chegou a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: “Ah, minhas orelhas e meus bigodes, como está ficando tarde!” Ela estava logo atrás dele ao virar a esquina, mas o Coelho já havia desaparecido. Alice se encontrou num salão longo e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas por toda a volta, mas todas estavam trancadas. Depois de percorrer um

lado e o outro, experimentando cada porta, ela caminhou tristemente pelo meio do salão, perguntando-se como conseguiria sair dali. De repente, encontrou uma mesinha de três pernas, toda feita de vidro maciço. Sobre ela havia apenas uma pequena chave de ouro. Alice pensou primeiro que a chave talvez abrisse uma das portas do salão, mas, infelizmente, ou as fechaduras eram grandes demais ou a chave era pequena demais; de qualquer modo, não abriu nenhuma delas. Ao dar uma segunda volta, porém, Alice viu uma cortina baixa que não notara antes. Atrás dela havia uma portinha de cerca de quarenta centímetros de altura. Experimentou a pequena chave de ouro na fechadura e, para sua alegria, ela serviu. Alice abriu a porta e descobriu que ela dava para uma passagem estreita, pouco maior que uma toca de rato. Ajoelhou-se e olhou por ela para o jardim mais encantador que se possa imaginar. Como desejava sair daquele salão escuro e passear entre os canteiros de flores brilhantes e as fontes frescas! Mas nem sequer conseguia passar a cabeça pela abertura. “E mesmo que a cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “não serviria de muito sem os ombros. Ah, como eu gostaria de poder me fechar como uma luneta! Acho que conseguiria, se soubesse por onde começar.” Tantas coisas extraordinárias haviam acontecido ultimamente que Alice começava a pensar que pouquíssimas coisas eram realmente impossíveis. Não adiantava ficar esperando junto à portinha, por isso voltou à mesa, na esperança de encontrar outra chave ou, pelo menos, um livro de instruções para ensinar as pessoas a se fecharem como lunetas. Dessa vez, encontrou sobre a mesa um frasquinho. “Com certeza ele não estava aqui antes”, disse Alice. Em volta do gargalo havia uma etiqueta de papel, com as palavras “BEBA-ME” lindamente impressas em letras grandes.

[Back to B1](#) [Original English](#)

B1 Português (simplified)

Era muito fácil dizer "Beba-me", mas a sensata Alice não ia fazer isso de qualquer jeito. "Não, primeiro vou olhar", disse ela, "e ver se está marcado 'veneno' ou não." Ela tinha lido várias historinhas bonitas sobre crianças que se queimaram, ou foram devoradas por animais selvagens, e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras simples que os amigos lhes tinham ensinado. Havia uma regra que ela jamais esquecera: se você beber muito de um frasco marcado "veneno", isso quase certamente vai lhe fazer mal, mais cedo ou mais tarde. Contudo, aquele frasco não estava marcado "veneno", então Alice se arriscou a experimentá-lo, e achou o sabor muito bom. Tinha uma espécie de mistura de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga. Ela terminou de bebê-lo bem depressa. "Que sensação curiosa!", disse Alice. "Devo estar me fechando como uma luneta." E era exatamente isso: agora ela tinha apenas vinte e cinco centímetros de altura. Seu rosto se iluminou ao pensar que agora tinha o tamanho certo para atravessar a portinha e chegar àquele lindo jardim. Primeiro, porém, esperou alguns minutos para ver se continuaria encolhendo. Ficou um pouco nervosa com essa ideia. "Pode acabar", disse Alice a si mesma, "comigo desaparecendo de vez, como uma vela. Como será que eu ficaria então?" Depois de um tempo, vendo que nada mais acontecia, decidiu ir logo para o jardim. Mas, pobre Alice! Quando chegou à porta, percebeu que tinha esquecido a pequena chave de ouro. Voltou à mesa para buscá-la, mas de jeito nenhum conseguia alcançá-la. Podia vê-la perfeitamente através do vidro. Tentou o máximo que pôde subir por uma das pernas da mesa, mas era escorregadia demais. Depois de se cansar tanto de tentar, a pobrezinha se sentou e chorou. "Ora, não adianta nada chorar assim!", disse Alice a si mesma, com certa aspereza. "Aconselho você a parar agora mesmo!" Costumava dar a si mesma bons conselhos, embora raramente os seguisse. Essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. "Mas agora não adianta", pensou a pobre Alice, "fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobrou de mim o suficiente para fazer uma pessoa inteira!" Logo seu olhar caiu sobre uma caixinha de vidro debaixo da mesa. Abriu-a e encontrou um bolinho bem pequeno, com as palavras "COMA-ME" lindamente marcadas em passas de corinto. "Bem, vou comê-lo", disse Alice. "Se me fizer crescer, poderei alcançar a chave. E se me fizer encolher, poderei rastejar por baixo da porta. De um jeito ou de outro, chegarei ao jardim, e não me importa qual dos dois será!" Comeu um pedacinho e disse ansiosa para si mesma: "Para que lado? Para que lado?" Colocou a mão sobre a cabeça para sentir para que lado estava crescendo. Ficou bem surpresa ao perceber que continuava do mesmo

tamanho. Claro que é isso o que geralmente acontece quando se come bolo. Mas Alice já tinha começado a esperar que só acontecessem coisas estranhas, e achava bastante monótono que a vida seguisse do jeito comum. Então se pôs a trabalhar, e logo terminou de comer o bolo.

Original English

It was all very well to say 'Drink me,' but the wise little Alice was not going to do that in a hurry. 'No, I'll look first,' she said, 'and see whether it's marked "poison" or not'; for she had read several nice little histories about children who had got burnt, and eaten up by wild beasts and other unpleasant things, all because they would not remember the simple rules their friends had taught them: such as, that a red-hot poker will burn you if you hold it too long; and that if you cut your finger very deeply with a knife, it usually bleeds; and she had never forgotten that, if you drink much from a bottle marked 'poison,' it is almost certain to disagree with you, sooner or later. However, this bottle was not marked 'poison,' so Alice ventured to taste it, and finding it very nice, (it had, in fact, a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pine-apple, roast turkey, toffee, and hot buttered toast,) she very soon finished it off. 'What a curious feeling!' said Alice; 'I must be shutting up like a telescope.' And so it was indeed: she was now only ten inches high, and her face brightened up at the thought that she was now the right size for going through the little door into that lovely garden. First, however, she waited for a few minutes to see if she was going to shrink any further: she felt a little nervous about this; 'for it might end, you know,' said Alice to herself, 'in my going out altogether, like a candle. I wonder what I should be like then?' And she tried to fancy what the flame of a candle is like after the candle is blown out, for she could not remember ever having seen such a thing. After a while, finding that nothing more happened, she decided on going into the garden at once; but, alas for poor Alice! when she got to the door, she found she had forgotten the little golden key, and when she went back to the table for it, she found she could not possibly reach it: she could see it quite plainly through the glass, and she tried her best to climb up one of the legs of the table, but it was too slippery; and when she had tired herself out with trying, the poor little thing sat down and cried. 'Come, there's no use in crying like that!' said Alice to herself, rather sharply; 'I advise you to leave off this minute!' She generally gave herself very good advice, (though she very seldom followed it), and sometimes she scolded herself so severely as to bring tears into her eyes; and once she remembered trying to box her own ears for having cheated herself in a game of croquet she was playing against herself, for this curious child was very fond of pretending to be two people. 'But it's no use now,' thought poor Alice, 'to pretend to be two people! Why, there's hardly enough of me left to

make one respectable person!’ Soon her eye fell on a little glass box that was lying under the table: she opened it, and found in it a very small cake, on which the words ‘EAT ME’ were beautifully marked in currants. ‘Well, I’ll eat it,’ said Alice, ‘and if it makes me grow larger, I can reach the key; and if it makes me grow smaller, I can creep under the door; so either way I’ll get into the garden, and I don’t care which happens!’ She ate a little bit, and said anxiously to herself, ‘Which way? Which way?’, holding her hand on the top of her head to feel which way it was growing, and she was quite surprised to find that she remained the same size: to be sure, this generally happens when one eats cake, but Alice had got so much into the way of expecting nothing but out-of-the-way things to happen, that it seemed quite dull and stupid for life to go on in the common way. So she set to work, and very soon finished off the cake.

Original Português

Era muito fácil mandar “Beba-me”, mas a sensata Alice não pretendia obedecer com tanta pressa. “Não. Primeiro vou olhar”, disse ela, “e ver se está escrito ‘veneno’.” Ela tinha lido várias historinhas agradáveis sobre crianças que se queimaram, foram devoradas por animais selvagens ou sofreram outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembraram das regras simples ensinadas pelos amigos: por exemplo, que um atizador em brasa queima quando se segura por tempo demais; que um corte muito profundo no dedo geralmente sangra; e que beber bastante de uma garrafa marcada “veneno” quase certamente faz mal, mais cedo ou mais tarde. O frasco, porém, não estava marcado “veneno”. Alice se arriscou a prová-lo e achou o sabor muito agradável. Na verdade, parecia uma mistura de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga. Por isso, terminou de beber bem depressa. “Que sensação curiosa!”, disse Alice. “Devo estar me fechando como uma luneta.” E era exatamente isso. Agora ela tinha apenas vinte e cinco centímetros de altura. Seu rosto se iluminou ao pensar que finalmente estava do tamanho certo para atravessar a pequena porta e entrar no belo jardim. Primeiro, no entanto, esperou alguns minutos para ver se continuaria encolhendo. A ideia a deixou um pouco nervosa. “Pode acabar”, disse para si mesma, “comigo desaparecendo completamente, como uma vela. Como será que eu ficaria então?” Tentou imaginar como era a chama de uma vela depois de a vela ser apagada, pois não se lembrava de ter visto uma coisa dessas. Depois de algum tempo, como nada mais aconteceu, decidiu entrar imediatamente no jardim. Mas, pobre Alice! Ao chegar à porta, percebeu que tinha esquecido a pequena chave de ouro. Voltou à mesa para buscá-la, mas não conseguia alcançá-la de jeito nenhum. Via a chave perfeitamente através do vidro e tentou subir por

uma das pernas da mesa, mas ela era escorregadia demais. Depois de se cansar com as tentativas, a pobre criaturinha se sentou e começou a chorar. “Vamos, não adianta chorar desse jeito!”, disse Alice a si mesma, com certa severidade. “Aconselho você a parar neste instante!” Ela costumava dar a si mesma conselhos muito bons, embora raramente os seguisse. Às vezes se repreendia com tanta dureza que chegava a fazer os próprios olhos se encherem de lágrimas. Certa vez, lembrava-se, tentara dar um tapa nas próprias orelhas por ter trapaceado contra si mesma numa partida de croqué. Aquela criança curiosa gostava muito de fingir que era duas pessoas. “Mas agora não adianta fingir que sou duas pessoas”, pensou a pobre Alice. “Mal sobrou de mim o bastante para formar uma pessoa respeitável!” Logo seus olhos caíram sobre uma pequena caixa de vidro debaixo da mesa. Ela a abriu e encontrou um bolinho muito pequeno, no qual as palavras “COMA-ME” estavam lindamente formadas com passas de corinto. “Bem, vou comê-lo”, disse Alice. “Se me fizer crescer, poderei alcançar a chave; se me fizer encolher, poderei passar por baixo da porta. De um jeito ou de outro, chegarei ao jardim, e não me importa o que aconteça.” Comeu um pedacinho e perguntou ansiosamente a si mesma: “Para que lado? Para que lado?” Mantinha a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava crescendo e ficou muito surpresa ao perceber que continuava do mesmo tamanho. É claro que isso normalmente acontece quando alguém come bolo, mas Alice já se acostumara tanto a esperar apenas acontecimentos extraordinários que lhe parecia monótono e absurdo a vida seguir do modo comum. Então continuou comendo e logo terminou o bolo.

[Back to B1](#) [Original English](#)

Chapter II

B1 Português (simplified)

"Cada vez mais estranho!", exclamou Alice. Estava tão espantada que, por um instante, esqueceu completamente como se fala um bom português. "Agora estou me abrindo como a maior luneta que já existiu! Adeus, pés!" Quando olhou para baixo, para os próprios pés, eles pareciam quase fora de vista, tão longe estavam ficando. "Ah, meus pobres pezinhos! Quem será que vai calçar vocês daqui em diante, queridos? Tenho certeza de que não poderei ser eu! Vou estar longe demais para cuidar de vocês. Terão de se virar do melhor jeito que puderem. Mas preciso ser gentil com eles", pensou Alice, "ou talvez não caminhem para onde eu quiser ir! Deixe-me ver: vou lhes dar um par de botas novas todo Natal." E continuou planejando como faria isso. "As botas terão que ir pelo correio", pensou. "E como vai ser engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como vai parecer estranho o endereço!"

Original English

'Curiouser and curiouser!' cried Alice (she was so much surprised, that for the moment she quite forgot how to speak good English); 'now I'm opening out like the largest telescope that ever was! Good-bye, feet!' (for when she looked down at her feet, they seemed to be almost out of sight, they were getting so far off). 'Oh, my poor little feet, I wonder who will put on your shoes and stockings for you now, dears? I'm sure I shan't be able! I shall be a great deal too far off to trouble myself about you: you must manage the best way you can; - but I must be kind to them,' thought Alice, 'or perhaps they won't walk the way I want to go! Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas.' Alice stretched tall And she went on planning to herself how she would manage it. 'They must go by the carrier,' she thought; 'and how funny it'll seem, sending presents to one's own feet! And how odd the directions will look!

Original Português

"Cada vez mais estranho!", exclamou Alice. Estava tão espantada que, por um momento, esqueceu completamente como falar um bom inglês. "Agora estou me abrindo como a maior luneta que já existiu! Adeus, pés!" Quando olhou para os próprios pés, eles pareciam quase fora de vista, tão longe estavam ficando. "Ah, meus pobres pezinhos! Quem vai colocar seus sapatos e meias agora, queridos? Tenho certeza de que não serei eu! Vou estar longe demais para me preocupar com vocês. Terão de se virar da melhor maneira possível. Mas preciso tratá-los bem", pensou Alice, "ou

talvez eles não caminhem para onde eu quiser ir. Deixe-me ver: vou lhes dar um par de botas novas todo Natal.” E continuou planejando como faria isso. “Terão de ser enviadas por uma transportadora”, pensou. “Como será engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como o endereço vai parecer estranho!”

[Back to B1](#) [Original English](#)

B1 Português (simplified)

Ao Sr. Pé Direito de Alice

Tapete da Lareira,

Perto da Guarda-fogo,

Com o carinho de Alice.

Original English

ALICE'S RIGHT FOOT, ESQ.

HEARTHTRUG,

NEAR THE FENDER,

(WITH ALICE'S LOVE).

Original Português

AO ILUSTRÍSSIMO PÉ DIREITO DE ALICE,

[Back to B1](#) [Original English](#)

Original Português

TAPETE DA LAREIRA,

[Back to B1](#) [Original English](#)

Original Português

PERTO DO GUARDA-FOGO,

[Back to B1](#) [Original English](#)

Original Português

(COM O CARINHO DE ALICE).

[Back to B1](#) [Original English](#)

B1 Português (simplified)

"Ai, meu Deus, que disparate estou dizendo!" Bem nesse instante, sua cabeça bateu no teto do corredor. Ela agora media mais de dois metros e setenta. Pegou depressa a pequena chave de ouro e foi até a porta do jardim. A pobre Alice só conseguia deitar-se de lado e olhar para o jardim com um olho só. Atravessar a porta agora era ainda mais impossível. Sentou-se e chorou de novo. "Você devia ter vergonha", disse Alice, "uma menina tão grande quanto você" - e ela era mesmo grande - "chorar desse jeito! Pare agora mesmo, estou lhe dizendo!" Mas continuou chorando, até que se formou ao seu redor uma grande poça de lágrimas, com uns dez centímetros de profundidade e alcançando metade do corredor. Depois de um tempo, ouviu passinhos vindo de longe. Enxugou depressa os olhos para ver o que se aproximava. Era o Coelho Branco, muito bem vestido, com luvas brancas de pelica numa das mãos e um grande leque na outra. Vinha apressado, resmungando: "Ai! A Duquesa, a Duquesa! Ai, como ela vai ficar zangada se eu a fizer esperar!" Alice estava tão aflita que estava disposta a pedir ajuda a qualquer um. Assim, quando o Coelho se aproximou, disse com uma vozinha tímida: "Com licença, senhor - " O Coelho deu um pulo de susto, deixou cair as luvas e o leque, e saiu correndo para a escuridão o mais rápido que pôde.

Original English

Oh dear, what nonsense I'm talking!' Just then her head struck against the roof of the hall: in fact she was now more than nine feet high, and she at once took up the little golden key and hurried off to the garden door. Poor Alice! It was as much as she could do, lying down on one side, to look through into the garden with one eye; but to get through was more hopeless than ever: she sat down and began to cry again. 'You ought to be ashamed of yourself,' said Alice, 'a great girl like you,' (she might well say this), 'to go on crying in this way! Stop this moment, I tell you!' But she went on all the same, shedding gallons of tears, until there was a large pool all round her, about four inches deep and reaching half down the hall. After a time she heard a little pattering of feet in the distance, and she hastily dried her eyes to see what was coming. It was the White Rabbit returning, splendidly dressed, with a pair of white kid gloves in one hand and a large fan in the other: he came trotting along in a great hurry, muttering to himself as he came, 'Oh! the Duchess, the Duchess! Oh! won't she be savage if I've kept her waiting!' Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one; so, when the Rabbit came near her, she began, in a low, timid voice, 'If you please, sir - ' The Rabbit started violently, dropped the white kid gloves and the fan, and skurried away into the darkness as hard as he could go.

Original Português

“Ai, meu Deus, que bobagem estou dizendo!” Nesse instante, a cabeça de Alice bateu no teto do salão. Na verdade, ela agora media mais de dois metros e setenta. Pegou imediatamente a pequena chave de ouro e correu para a porta do jardim. Pobre Alice! Mesmo deitada de lado, mal conseguia olhar para o jardim com um só olho; atravessar a porta era mais impossível do que nunca. Sentou-se e começou a chorar de novo. “Você deveria ter vergonha”, disse Alice. “Uma menina enorme como você” - e ela podia muito bem dizer isso - “chorando desse jeito! Pare neste instante, estou mandando!” Mas continuou chorando do mesmo modo, derramando litros e litros de lágrimas, até formar ao redor de si uma grande lagoa, com cerca de dez centímetros de profundidade, que se estendia até a metade do salão. Depois de algum tempo, ouviu ao longe o leve ruído de passinhos e secou os olhos depressa para ver o que vinha. Era o Coelho Branco, que voltava magnificamente vestido, com um par de luvas brancas de pelica numa mão e um grande leque na outra. Aproximava-se trotando com muita pressa e resmungava: “Ai! A Duquesa, a Duquesa! Como ela vai ficar furiosa se eu a fizer esperar!” Alice estava tão desesperada que teria pedido ajuda a qualquer um. Quando o Coelho chegou perto, ela começou, em voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...” O Coelho deu um salto de susto, deixou cair as luvas brancas e o leque e fugiu para a escuridão o mais depressa que pôde.

[Back to B1](#) [Original English](#)

B1 Português (simplified)

Alice pegou o leque e as luvas. O corredor estava muito quente, então ela ficou se abanando enquanto falava. "Meu Deus, meu Deus! Como tudo está estranho hoje! E ontem tudo era normal. Será que mudei durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Acho que me lembro de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, então quem diabos sou eu? Ah, esse é o grande mistério!" Pensou nas crianças que conhecia da mesma idade, para ver se poderia ter se transformado em alguma delas. "Tenho certeza de que não sou a Ada", disse, "porque o cabelo dela tem cachos compridos, e o meu não. E tenho certeza de que não posso ser a Mabel, porque eu sei todo tipo de coisa, e ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e - ai, meu Deus, como isso é confuso! Vou tentar lembrar coisas que eu sabia antes. Deixe-me ver: quatro vezes cinco são doze, e quatro vezes seis são treze, e quatro vezes sete é - ai, meu Deus! Nunca vou chegar a vinte desse jeito! Bom, a tabuada não importa. Vamos tentar geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma - não, está tudo errado, eu sei que está! Devo ter virado a Mabel! Vou tentar dizer 'Como faz a laboriosa abelha - '" Cruzou as mãos no colo, como se estivesse numa aula, e começou a recitar, mas sua voz saiu áspera e estranha, e as palavras não saíam certas: "Como faz o crocodilinho Cuidar de sua cauda brilhante, E despeja as águas do Nilo Sobre cada dourada escama! Como parece sorrir contente, Como estica bem as garras, E dá boas-vindas aos peixinhos Com mandíbulas gentis e mansas!" "Tenho certeza de que essas não são as palavras certas", disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas outra vez. "Devo ser a Mabel, afinal, e vou ter que morar naquela casinha minúscula, quase sem brinquedos e com tantas lições para aprender! Não, já me decidi. Se eu sou a Mabel, vou ficar aqui embaixo! De nada vai adiantar me chamarem de volta. Vou apenas perguntar: 'Então quem sou eu? Digam-me isso primeiro. E se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, fico aqui até ser outra pessoa qualquer.' Mas, ai de mim!", gritou, chorando de novo, "eu gostaria tanto que me chamassem! Estou tão cansada de ficar aqui sozinha!" Enquanto falava, olhou para as mãos e viu, surpresa, que tinha calçado uma das luvinhas brancas de pelica do Coelho. "Como foi que eu fiz isso?", pensou. "Devo estar encolhendo de novo." Levantou-se e foi até a mesa para se medir. Agora tinha mais ou menos sessenta centímetros de altura, e estava encolhendo rapidamente. Logo percebeu que era o leque que estava causando isso, então o largou depressa, bem a tempo de evitar que desaparecesse por completo. "Essa foi por pouco!", disse Alice, assustada com a súbita mudança, mas contente por ainda estar viva. "E agora, para o

jardim!" Correu o mais rápido que pôde de volta para a portinha, mas, ai, ela estava fechada de novo, e a pequena chave de ouro estava sobre a mesa de vidro, como antes. "As coisas estão piores do que nunca", pensou a pobre criança, "porque nunca fui tão pequena assim, nunca! E digo que é demais, é mesmo!" Enquanto dizia isso, seu pé escorregou, e no instante seguinte, splash!, estava com a água salgada até o queixo. A princípio pensou que tinha caído no mar. "Então posso voltar de trem", disse a si mesma. Mas logo percebeu que estava na poça de lágrimas que tinha chorado quando media dois metros e setenta. "Quisera eu não ter chorado tanto!", disse Alice, nadando e tentando encontrar uma saída. "Suponho que vou ser castigada por me afogar nas minhas próprias lágrimas! Isso sim seria estranho. Mas, bom, tudo está estranho hoje." Nesse momento ouviu um chape-chape por perto e nadou naquela direção. A princípio pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas então se lembrou do tamanho pequeno que tinha e viu que era apenas um camundongo, também caído na poça, como ela. "Será que adiantaria falar com esse camundongo agora?", pensou Alice. "Tudo é tão fora do comum aqui embaixo que provavelmente ele sabe falar. Pelo menos não custa nada tentar." Então disse: "Ó Camundongo, o senhor sabe o caminho para sair desta poça? Estou muito cansada de nadar aqui, ó Camundongo!" O Camundongo olhou para ela com curiosidade, e Alice achou que ele piscou para ela, mas não disse nada. "Talvez não entenda português", pensou. "Devo dizer que é um camundongo francês, que veio com Guilherme, o Conquistador." Então tentou de novo: "Où est ma chatte?" Essa era a primeira frase do seu livro de lições de francês. O Camundongo saltou para fora da água e tremeu de medo. "Ah, perdão!", exclamou Alice na hora, com medo de tê-lo magoado. "Esqueci completamente que o senhor não gosta de gatos." "Não gostar de gatos!", gritou o Camundongo, numa voz aguda e irritada. "Você gostaria de gatos se fosse eu?" "Bem, talvez não", disse Alice, gentilmente. "Não fique zangado. Quem me dera poder lhe mostrar a nossa gata Dinah. Acho que o senhor gostaria de gatos se a visse. Ela é uma coisinha tão quieta e querida", continuou Alice, meio para si mesma, enquanto flutuava preguiçosamente na poça, "e fica sentada junto ao fogo, ronronando gostoso, lambendo as patinhas e lavando o rosto. É tão fofa e macia para pegar no colo. E é ótima em pegar camundongos - ai, perdão!", exclamou de novo, pois o Camundongo estava todo eriçado e parecia profundamente ofendido. "Não vamos mais falar dela, se o senhor não quiser." "Nós, é? Nós, uma ova!", gritou o Camundongo, tremendo dos pés à cabeça. "Como se eu fosse falar de uma coisa dessas! Nossa família sempre odiou gatos: bichos nojentos, baixos, vulgares! Não fale esse nome de novo!" "Não vou, prometo!", disse Alice depressa, ansiosa para mudar de assunto. "O senhor... o senhor

gosta de... de cachorros?" O Camundongo não respondeu, então Alice continuou depressa: "Há um cachorrinho tão fofo perto da nossa casa que eu gostaria de lhe mostrar! Um terrier de olhos brilhantes, com pelo comprido, castanho e encaracolado. Ele busca as coisas quando a gente joga, e senta e pede a comidinha, e faz um monte de coisas - não consigo me lembrar nem da metade - e pertence a um fazendeiro, que diz que ele é tão útil que vale cem libras! Ele diz que o cachorro mata todos os ratos e - ai, meu Deus!", exclamou tristemente, "acho que o ofendi de novo!" Pois o Camundongo estava nadando para longe o mais rápido que podia, causando um grande alvoroço na poça. Então ela chamou baixinho atrás dele: "Camundongo querido! Volte, por favor, e não vamos mais falar nem de gatos nem de cachorros, já que o senhor não gosta deles!" Ao ouvir isso, o Camundongo se virou e nadou devagar de volta. Seu rosto estava muito pálido, e ele disse numa voz baixa e trêmula: "Vamos até a margem, e então lhe conto minha história, e a senhorita vai entender por que odeio gatos e cachorros." Já estava na hora de ir, porque a poça estava ficando cheia de pássaros e animais que também tinham caído nela. Havia um Pato e um Dodô, uma Arara e uma Aguieta, além de várias outras criaturas estranhas. Alice foi na frente, e o grupo todo nadou até a margem.

Original English

Alice took up the fan and gloves, and, as the hall was very hot, she kept fanning herself all the time she went on talking: 'Dear, dear! How queer everything is to-day! And yesterday things went on just as usual. I wonder if I've been changed in the night? Let me think: was I the same when I got up this morning? I almost think I can remember feeling a little different. But if I'm not the same, the next question is, Who in the world am I? Ah, that's the great puzzle!' And she began thinking over all the children she knew that were of the same age as herself, to see if she could have been changed for any of them. 'I'm sure I'm not Ada,' she said, 'for her hair goes in such long ringlets, and mine doesn't go in ringlets at all; and I'm sure I can't be Mabel, for I know all sorts of things, and she, oh! she knows such a very little! Besides, she's she, and I'm I, and - oh dear, how puzzling it all is! I'll try if I know all the things I used to know. Let me see: four times five is twelve, and four times six is thirteen, and four times seven is - oh dear! I shall never get to twenty at that rate! However, the Multiplication Table doesn't signify: let's try Geography. London is the capital of Paris, and Paris is the capital of Rome, and Rome - no, that's all wrong, I'm certain! I must have been changed for Mabel! I'll try and say "How doth the little -" and she crossed her hands on her lap as if she were saying lessons, and began to repeat it, but her voice sounded hoarse and strange, and the words did not come the same as they used to do: - 'How doth the little crocodile Improve

his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! 'How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,' said poor Alice, and her eyes filled with tears again as she went on, 'I must be Mabel after all, and I shall have to go and live in that poky little house, and have next to no toys to play with, and oh! ever so many lessons to learn! No, I've made up my mind about it; if I'm Mabel, I'll stay down here! It'll be no use their putting their heads down and saying "Come up again, dear!" I shall only look up and say "Who am I then? Tell me that first, and then, if I like being that person, I'll come up: if not, I'll stay down here till I'm somebody else" - but, oh dear!' cried Alice, with a sudden burst of tears, 'I do wish they would put their heads down! I am so very tired of being all alone here!' As she said this she looked down at her hands, and was surprised to see that she had put on one of the Rabbit's little white kid gloves while she was talking. 'How can I have done that?' she thought. 'I must be growing small again.' She got up and went to the table to measure herself by it, and found that, as nearly as she could guess, she was now about two feet high, and was going on shrinking rapidly: she soon found out that the cause of this was the fan she was holding, and she dropped it hastily, just in time to avoid shrinking away altogether. 'That was a narrow escape!' said Alice, a good deal frightened at the sudden change, but very glad to find herself still in existence; 'and now for the garden!' and she ran with all speed back to the little door: but, alas! the little door was shut again, and the little golden key was lying on the glass table as before, 'and things are worse than ever,' thought the poor child, 'for I never was so small as this before, never! And I declare it's too bad, that it is!' As she said these words her foot slipped, and in another moment, splash! she was up to her chin in salt water. Her first idea was that she had somehow fallen into the sea, 'and in that case I can go back by railway,' she said to herself. (Alice had been to the seaside once in her life, and had come to the general conclusion, that wherever you go to on the English coast you find a number of bathing machines in the sea, some children digging in the sand with wooden spades, then a row of lodging houses, and behind them a railway station.) However, she soon made out that she was in the pool of tears which she had wept when she was nine feet high. Alice in pool of tears 'I wish I hadn't cried so much!' said Alice, as she swam about, trying to find her way out. 'I shall be punished for it now, I suppose, by being drowned in my own tears! That will be a queer thing, to be sure! However, everything is queer to-day.' Just then she heard something splashing about in the pool a little way off, and she swam nearer to make out what it was: at first she thought it must be a walrus or hippopotamus, but then she remembered how small she was now, and she soon made out that it was only a mouse

that had slipped in like herself. Alice with Mouse in pool of tears 'Would it be of any use, now,' thought Alice, 'to speak to this mouse? Everything is so out-of-the-way down here, that I should think very likely it can talk: at any rate, there's no harm in trying.' So she began: 'O Mouse, do you know the way out of this pool? I am very tired of swimming about here, O Mouse!' (Alice thought this must be the right way of speaking to a mouse: she had never done such a thing before, but she remembered having seen in her brother's Latin Grammar, 'A mouse - of a mouse - to a mouse - a mouse - O mouse!') The Mouse looked at her rather inquisitively, and seemed to her to wink with one of its little eyes, but it said nothing. 'Perhaps it doesn't understand English,' thought Alice; 'I daresay it's a French mouse, come over with William the Conqueror.' (For, with all her knowledge of history, Alice had no very clear notion how long ago anything had happened.) So she began again: 'Où est ma chatte?' which was the first sentence in her French lesson-book. The Mouse gave a sudden leap out of the water, and seemed to quiver all over with fright. 'Oh, I beg your pardon!' cried Alice hastily, afraid that she had hurt the poor animal's feelings. 'I quite forgot you didn't like cats.' 'Not like cats!' cried the Mouse, in a shrill, passionate voice. 'Would you like cats if you were me?' 'Well, perhaps not,' said Alice in a soothing tone: 'don't be angry about it. And yet I wish I could show you our cat Dinah: I think you'd take a fancy to cats if you could only see her. She is such a dear quiet thing,' Alice went on, half to herself, as she swam lazily about in the pool, 'and she sits purring so nicely by the fire, licking her paws and washing her face - and she is such a nice soft thing to nurse - and she's such a capital one for catching mice - oh, I beg your pardon!' cried Alice again, for this time the Mouse was bristling all over, and she felt certain it must be really offended. 'We won't talk about her any more if you'd rather not.' 'We indeed!' cried the Mouse, who was trembling down to the end of his tail. 'As if I would talk on such a subject! Our family always hated cats: nasty, low, vulgar things! Don't let me hear the name again!' 'I won't indeed!' said Alice, in a great hurry to change the subject of conversation. 'Are you - are you fond - of - of dogs?' The Mouse did not answer, so Alice went on eagerly: 'There is such a nice little dog near our house I should like to show you! A little bright-eyed terrier, you know, with oh, such long curly brown hair! And it'll fetch things when you throw them, and it'll sit up and beg for its dinner, and all sorts of things - I can't remember half of them - and it belongs to a farmer, you know, and he says it's so useful, it's worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and - oh dear!' cried Alice in a sorrowful tone, 'I'm afraid I've offended it again!' For the Mouse was swimming away from her as hard as it could go, and making quite a commotion in the pool as it went. So she called softly after it, 'Mouse dear! Do come back again, and we won't talk about cats or dogs

either, if you don't like them!' When the Mouse heard this, it turned round and swam slowly back to her: its face was quite pale (with passion, Alice thought), and it said in a low trembling voice, 'Let us get to the shore, and then I'll tell you my history, and you'll understand why it is I hate cats and dogs.' It was high time to go, for the pool was getting quite crowded with the birds and animals that had fallen into it: there were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other curious creatures. Alice led the way, and the whole party swam to the shore.

Original Português

Alice pegou o leque e as luvas. Como o salão estava muito quente, continuou se abanando enquanto falava: "Meu Deus! Como tudo está estranho hoje! E ontem as coisas aconteciam como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Acho que me lembro de ter me sentido um pouco diferente. Mas, se não sou a mesma, a grande pergunta é: quem, afinal, sou eu? Ah, esse é o grande enigma!" Começou então a pensar em todas as crianças que conhecia e tinham a mesma idade, para descobrir se poderia ter sido transformada em alguma delas. "Tenho certeza de que não sou Ada", disse, "porque o cabelo dela cai em longos cachos, e o meu não forma cacho nenhum. E tenho certeza de que não posso ser Mabel, porque eu sei todo tipo de coisa e ela... ah, ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela e eu sou eu, e... meu Deus, como tudo isso é confuso! Vou verificar se ainda sei as coisas que sabia. Deixe-me ver: quatro vezes cinco são doze, quatro vezes seis são treze e quatro vezes sete são... ai, meu Deus! Desse jeito nunca chegarei a vinte! Mas a tabuada não importa. Vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma e Roma... não, está tudo errado, tenho certeza! Devo ter sido transformada em Mabel! Vou tentar recitar 'Como faz o pequeno...'" Cruzou as mãos no colo, como se estivesse recitando uma lição, e começou. Sua voz, porém, soou rouca e estranha, e as palavras não saíram como costumavam: "Como faz o crocodilo Sua cauda reluzir, E derrama as águas do Nilo Em cada escama a luzir! Como parece contente, Com as garras bem abertas, E recebe os peixinhos Com mandíbulas sorridentes!" "Tenho certeza de que essas não são as palavras certas", disse a pobre Alice. Seus olhos se encheram novamente de lágrimas. "Afinal, devo ser Mabel, e terei de morar naquela casinha apertada, quase sem brinquedos e com uma quantidade enorme de lições para aprender! Não. Já me decidi: se sou Mabel, vou ficar aqui embaixo. Não vai adiantar eles enfiarem a cabeça pela toca e dizerem: 'Suba de novo, querida!' Eu só vou olhar para cima e responder: 'Quem sou eu, então? Digam isso primeiro. Depois, se eu gostar de ser essa pessoa, subirei; se não, ficarei

aqui até me tornar outra pessoa.' Mas, ai, meu Deus!", gritou Alice, desatando a chorar. "Como eu queria que eles enfiassem a cabeça aqui! Estou tão cansada de ficar sozinha!" Ao dizer isso, olhou para as mãos e ficou surpresa ao perceber que, sem notar, havia colocado uma das pequenas luvas brancas do Coelho. "Como consegui fazer isso?", pensou. "Devo estar diminuindo outra vez." Levantou-se e foi até a mesa para medir a própria altura. Pelo que conseguiu calcular, tinha agora cerca de sessenta centímetros e continuava encolhendo rapidamente. Logo descobriu que a causa era o leque que segurava e o soltou depressa, bem a tempo de não desaparecer completamente. "Escapei por pouco!", disse Alice, bastante assustada com a mudança repentina, mas muito contente por ainda existir. "E agora, para o jardim!" Correu com toda a velocidade de volta à portinha. Mas, infelizmente, ela estava novamente fechada, e a pequena chave de ouro continuava sobre a mesa de vidro. "As coisas estão piores do que nunca", pensou a pobre criança, "pois nunca fui tão pequena assim, nunca! E declaro que isso é injusto, isso é!" Enquanto dizia essas palavras, seu pé escorregou e, no instante seguinte - splash! - ela estava mergulhada até o queixo em água salgada. Sua primeira ideia foi que, de algum modo, tinha caído no mar. "Nesse caso, posso voltar de trem", disse para si mesma. Alice estivera uma vez à beira-mar e chegara à conclusão geral de que, em qualquer ponto da costa inglesa, sempre se encontravam várias cabines de banho dentro do mar, algumas crianças cavando a areia com pás de madeira, depois uma fileira de pensões e, atrás delas, uma estação ferroviária. Logo, porém, percebeu que estava na lagoa formada pelas lágrimas que derramara quando tinha mais de dois metros e setenta. "Eu queria não ter chorado tanto!", disse Alice, nadando de um lado para outro e procurando uma saída. "Agora, suponho, serei castigada morrendo afogada nas minhas próprias lágrimas! Isso seria mesmo uma coisa estranha. Mas tudo está estranho hoje." Nesse momento, ouviu alguma coisa chapinhando na lagoa, a pouca distância, e nadou para mais perto a fim de descobrir o que era. Primeiro pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas então se lembrou de como estava pequena e logo percebeu que era apenas um camundongo que havia escorregado para dentro da água, como ela. "Será que adiantaria falar com este camundongo?", pensou Alice. "Tudo é tão extraordinário aqui embaixo que é bem provável que ele saiba falar. De qualquer maneira, não custa tentar." Então começou: "Ó Camundongo, você sabe como sair desta lagoa? Estou muito cansada de ficar nadando aqui, ó Camundongo!" Alice achou que essa devia ser a maneira correta de se dirigir a um camundongo. Nunca tinha feito isso antes, mas lembrava-se de ter visto na gramática latina do irmão: "um camundongo - de um camundongo - para um camundongo - um camundongo - ó camundongo!"

O Camundongo olhou para ela com curiosidade e pareceu piscar um dos olhinhos, mas não respondeu. “Talvez ele não entenda inglês”, pensou Alice. “Deve ser um camundongo francês que veio para cá com Guilherme, o Conquistador.” Apesar de todo o seu conhecimento de História, Alice não tinha uma ideia muito clara de quanto tempo antes as coisas haviam acontecido. Por isso, tentou de novo: “Où est ma chatte?” Era a primeira frase de seu livro de francês. O Camundongo deu um salto brusco para fora da água e começou a tremer de medo. “Oh, desculpe!”, gritou Alice depressa, receando ter ferido os sentimentos do pobre animal. “Eu tinha esquecido completamente que você não gosta de gatos.” “Não gosto de gatos!”, gritou o Camundongo, com voz aguda e apaixonada. “Você gostaria de gatos se estivesse no meu lugar?” “Bem, talvez não”, respondeu Alice, num tom conciliador. “Não fique zangado. Mesmo assim, eu gostaria de lhe mostrar nossa gata Dinah. Acho que você passaria a gostar de gatos se pudesse vê-la. Ela é uma criaturinha tão querida e tranquila”, continuou Alice, falando quase para si mesma enquanto nadava preguiçosamente pela lagoa. “Ela se senta junto ao fogo e ronrona tão bonito, lambendo as patas e lavando o rosto. É tão macia e agradável de pegar no colo... e é excelente para caçar camundongos... Oh, desculpe!” Alice se desculpou de novo porque, dessa vez, os pelos do Camundongo estavam todos eriçados, e ela teve certeza de que ele estava realmente ofendido. “Não falaremos mais dela, se você preferir.” “Nós, de fato!”, gritou o Camundongo, tremendo até a ponta da cauda. “Como se eu fosse conversar sobre um assunto desses! Minha família sempre odiou gatos: criaturas nojentas, baixas e vulgares! Não quero ouvir esse nome outra vez!” “Não ouvirá!”, disse Alice, com muita pressa de mudar de assunto. “Você... você gosta de... de cachorros?” O Camundongo não respondeu, então Alice continuou, animada: “Há um cachorrinho tão simpático perto de nossa casa que eu gostaria de lhe mostrar! Um pequeno terrier de olhos brilhantes, com um pelo castanho comprido e todo encaracolado. Ele busca as coisas quando a gente joga, senta sobre as patas traseiras e pede o jantar, e faz muitas outras coisas - não consigo me lembrar nem da metade. Pertence a um fazendeiro, e o dono diz que ele é tão útil que vale cem libras! Diz que mata todos os ratos e... ai, meu Deus!”, exclamou Alice, com tristeza. “Acho que o ofendi outra vez!” O Camundongo nadava para longe dela o mais depressa possível, agitando toda a água da lagoa. Alice chamou suavemente: “Querido Camundongo! Volte, por favor. Não falaremos nem de gatos nem de cachorros, se você não gosta deles!” Ao ouvir isso, o Camundongo se virou e nadou devagar de volta. Seu rosto estava muito pálido - de raiva, pensou Alice - e ele disse, numa voz baixa e trêmula: “Vamos até a margem. Lá contarei minha história, e você entenderá por que odeio gatos e cachorros.” Já era mesmo hora de sair,

pois a lagoa estava ficando lotada de pássaros e animais que haviam caído nela. Havia um Pato, um Dodô, um Papagaio, uma Aguiazinha e várias outras criaturas curiosas. Alice foi à frente, e todo o grupo nadou até a margem.

[Back to B1](#) [Original English](#)

Glossary: New Words

Priority words from the simplified reading, selected by CEFR level, rarity and editorial usefulness. Each entry shows up to six real sentences from this book; every return link opens that exact sentence in the simplified version.

Address /ə'drɛs/ (3 occurrences)

Português: endereço; morada; abordar

Simple English: The details of where someone lives or works.

Example: *Write your address here.*

Forms in this book: address, addressed

Uses in this book:

1. And how odd the address will look! [Back to B1](#)

advise /əd'vaɪz/ (1 occurrence)

Português: aconselhar; assessorar; avise

Simple English: To give someone suggestions or guidance about a situation.

Example: *My teacher will advise me on which courses to take next year.*

Uses in this book:

1. 'I advise you to stop this minute!' She generally gave herself very good advice, though she very seldom followed it. [Back to B1](#)

Anxious /'æŋkʃəs/ (8 occurrences)

Português: ansioso; ancioso; impaciente

Simple English: Feeling worried about something that might happen.

Example: *I am anxious about my exam results coming next week.*

Forms in this book: anxious, anxiously

Uses in this book:

1. Either way I'll get into the garden, and I don't care which happens! She ate a little bit and said anxiously to herself, 'Which way? [Back to B1](#)

Ashamed /ə'ʃeɪmd/ (2 occurrences)

Português: envergonhado; vergonha; humilhado

Simple English: Feeling embarrassed or guilty about personal actions.

Example: *She felt ashamed for forgetting her friend's birthday party.*

Uses in this book:

1. 'You ought to be ashamed of yourself,' said Alice, 'a great girl like you' - and she really was great - 'to go on crying like this! [Back to B1](#)

catch /kætʃ/ (7 occurrences)

Português: pegar; apanhar; pegá

Simple English: To successfully grab a moving object that is thrown.

Example: *He managed to catch the ball just before it hit the ground.*

Forms in this book: catch, catching

Uses in this book:

1. There are no mice in the air, but you might catch a bat, and a bat is very like a mouse. [Back to B1](#)
2. And she is very good at catching mice - oh, I beg your pardon!' she cried again, because the Mouse was bristling and seemed deeply offended. [Back to B1](#)

centre (1 occurrence)

Português: centro; meio; núcleo

Simple English: the middle point or main place

Example: *The museum is in the centre of town.*

Uses in this book:

1. 'I must be getting near the centre of the earth. [Back to B1](#)

Cheerful /'tʃɪrfəl/ (1 occurrence)

Português: alegre; animada

Simple English: Full of happiness, positivity, and good spirits.

Example: *Even on rainy days, she remains cheerful and optimistic about life.*

Uses in this book:

1. How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,'

said poor Alice. [Back to B1](#)

climb /klaɪm/ (3 occurrences)

Português: escalar; subir; subida

Simple English: To go upward.

Example: *We climbed the hill.*

Forms in this book: climb, climbed, climbing

Uses in this book:

1. She tried her best to climb up one of the table legs, but it was too slippery.

[Back to B1](#)

confusing /kən'fju:zɪŋ/ (7 occurrences)

Português: confuso; confundindo; desconcertante

Simple English: Difficult to understand or unclear, causing uncertainty.

Example: *The confusing directions led us to the wrong location for the meeting.*

Uses in this book:

1. Besides, she is she, and I am I, and - oh dear, how confusing it all is! [Back to](#)

[B1](#)

creature /'kri:tʃər/ (11 occurrences)

Português: criatura

Simple English: Any living being that can move on its own.

Example: *The forest is full of strange creatures at night.*

Forms in this book: creature, creatures

Uses in this book:

1. There were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other strange creatures. [Back to B1](#)

deeply /'di:pli/ (3 occurrences)

Português: profundamente

Simple English: Expressing strong intensity of emotion or concern.

Example: *She was deeply moved by the stories of the survivors.*

Uses in this book:

1. And she is very good at catching mice - oh, I beg your pardon!' she cried again, because the Mouse was bristling and seemed deeply offended. [Back to B1](#)

delight (1 occurrence)

Português: prazer; alegria; encanto

Simple English: great pleasure or to please someone

Example: *The children laughed with delight.*

Uses in this book:

1. She tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted! [Back to B1](#)

even /'i:vən/ (16 occurrences)

Português: mesmo; sequer; até

Simple English: Used to emphasize something surprising or unexpected.

Example: *Even the most skilled artists can make mistakes sometimes.*

Forms in this book: even, evening

Uses in this book:

1. But she could not even get her head through the doorway. [Back to B1](#)
2. Getting through was now even more impossible. [Back to B1](#)

finding /'faɪndɪŋ/ (2 occurrences)

Português: encontrar; achando; achar

Simple English: A piece of information discovered from research.

Example: *The key finding of the study suggests that diet greatly affects mental health.*

Uses in this book:

1. I wonder what I should be like then?' After a while, finding that nothing more happened, she decided to go into the garden at once. [Back to B1](#)

float /flaʊt/ (1 occurrence)

Português: flutuar; flutuador; bóia

Simple English: To move slowly on water or in the air.

Example: *The boat began to float gently on the calm lake.*

Uses in this book:

1. She is such a dear quiet thing,' Alice went on, partly to herself, while she floated lazily in the pool, 'and she sits by the fire purring nicely, licking her paws and washing her face. [Back to B1](#)

harm /hɑ:rm/ (1 occurrence)

Português: prejudicar; dano; mal

Simple English: To physically hurt or damage someone or something.

Example: *The storm could harm crops and cause flooding in low areas.*

Uses in this book:

1. At least there is no harm in trying.' So she said, 'O Mouse, do you know the way out of this pool? [Back to B1](#)

hold /hould/ (9 occurrences)

Português: segurar; prender; preensão

Simple English: To have something in your hand or arms.

Example: *Hold the baby carefully.*

Forms in this book: hold, holding

Uses in this book:

1. She is such a lovely soft thing to hold. [Back to B1](#)

hurt (4 occurrences)

Português: machucar; magoar; ferido

Uses in this book:

1. Alice was not hurt at all, and she jumped up at once. [Back to B1](#)

2. One rule she had never forgotten: if you drink much from a bottle marked 'poison', it will almost certainly hurt you, sooner or later. [Back to B1](#)

3. 'Oh, I beg your pardon!' cried Alice at once, afraid she had hurt its feelings. [Back to B1](#)

inch (7 occurrences)

Português: polegada; medida; unidade

Simple English: a unit of length equal to 2.54 centimetres

Example: *The shelf is twelve inches wide.*

Uses in this book:

1. Behind it was a little door about fifteen inches high. [Back to B1](#)
2. 'I must be shutting up like a telescope.' And so it was: she was now only ten inches high. [Back to B1](#)
3. Stop this moment, I tell you!' But she cried on, until there was a large pool of tears around her, about four inches deep and reaching halfway down the hall.
[Back to B1](#)

label /'leɪbəl/ (3 occurrences)

Português: rótulo; etiqueta; rotular

Simple English: To attach a tag identifying information to an object.

Example: *Please label the boxes so we know what is inside them.*

Forms in this book: label, labelled

Uses in this book:

1. It was labelled 'ORANGE MARMALADE', but to her great disappointment it was empty. [Back to B1](#)
2. Around the neck of the bottle was a paper label with the words 'DRINK ME' beautifully printed on it in large letters. [Back to B1](#)

measure /'meɪʒər/ (1 occurrence)

Português: medida; medir; meça

Simple English: To find the size, amount, or degree of something.

Example: *Measure the table before buying it.*

Uses in this book:

1. 'I must be getting small again.' She stood up and went to the table to measure herself. [Back to B1](#)

mixed /mɪkst/ (1 occurrence)

Português: misto; misturado; mixado

Simple English: Consisting of different types combined together.

Example: *The salad was a mixed variety, containing both leafy greens and colorful vegetables.*

Uses in this book:

1. It had a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pineapple, roast turkey, toffee and hot buttered toast. [Back to B1](#)

neat /ni:t/ (3 occurrences)

Português: arrumado; puro; pura

Simple English: Well-organized and tidy in appearance or arrangement.

Example: *She keeps her office neat, with everything in its proper place.*

Forms in this book: neat, neatly

Uses in this book:

1. How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,' said poor Alice. [Back to B1](#)

offend /ə'fend/ (7 occurrences)

Português: ofender

Simple English: To cause someone to feel disrespected or upset.

Example: *His comment might offend people who take the issue seriously.*

Uses in this book:

1. And she is very good at catching mice - oh, I beg your pardon!' she cried again, because the Mouse was bristling and seemed deeply offended. [Back to B1](#)

2. He says it kills all the rats and - oh dear!' she cried sadly, 'I'm afraid I have offended it again!' For the Mouse was swimming away as hard as it could, making a great disturbance in the pool. [Back to B1](#)

opening /'oʊpənɪŋ/ (2 occurrences)

Português: abertura; abrir; inauguração

Simple English: First public presentation of a play, movie, or entertainment.

Example: *The opening of the new play was attended by many celebrities.*

Uses in this book:

1. 'Now I'm opening out like the largest telescope that ever was! [Back to B1](#)

partly /'pɑ:rtli/ (1 occurrence)

Português: parcialmente

Simple English: To some degree; not completely or wholly.

Example: *The event was partly successful, but improvements are needed.*

Uses in this book:

1. She is such a dear quiet thing,' Alice went on, partly to herself, while she floated lazily in the pool, 'and she sits by the fire purring nicely, licking her paws and washing her face. [Back to B1](#)

passage /'pæsɪdʒ/ (3 occurrences)

Português: passagem; trecho

Simple English: A narrow corridor giving access to rooms or areas.

Example: *The passage led us to the library at the end of the hall.*

Uses in this book:

1. It was all dark above her, but in front of her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight, hurrying along it. [Back to B1](#)
2. The door led into a small passage, not much larger than a rat-hole. [Back to B1](#)

pick (4 occurrences)

Português: escolher; buscar; picareta

Forms in this book: pick, picked

Uses in this book:

1. Alice picked up the fan and gloves. [Back to B1](#)

picture (2 occurrences)

Português: foto; imagem; retrato

Uses in this book:

1. She had nothing to do, and the book her sister was reading had no pictures or conversation. [Back to B1](#)
2. Here and there she saw maps and pictures hanging on pegs. [Back to B1](#)

plain /pleɪn/ (1 occurrence)

Português: planície; liso; simples

Simple English: Simple in design, without pattern or decoration.

Example: *He prefers plain shirts over those with bright patterns or designs.*

Uses in this book:

1. She could see it quite plainly through the glass. [Back to B1](#)

planning (1 occurrence)

Português: planejamento; preparação; organização

Simple English: the process of making plans

Example: *Careful planning saved time.*

Uses in this book:

1. Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas.' And she went on planning to herself how she would manage it. [Back to B1](#)

possibly /'pɒsəbli/ (1 occurrence)

Português: possivelmente; eventualmente

Simple English: Used to say something might be true.

Example: *She will possibly join us for the dinner later tonight.*

Uses in this book:

1. She went back to the table for it, but she could not possibly reach it. [Back to B1](#)

pretend /prɪ'tend/ (3 occurrences)

Português: fingir; finja; pretensão

Simple English: To act to make others believe something false is true.

Example: *The children like to pretend they are superheroes during playtime.*

Forms in this book: pretend, pretending

Uses in this book:

1. This curious child was very fond of pretending to be two people. [Back to B1](#)
2. 'But it's no use now,' thought poor Alice, 'to pretend to be two people!' [Back to B1](#)

print /prɪnt/ (1 occurrence)

Português: imprimir; impressão; cópia

Simple English: Image or design transferred from engraved or prepared surface.

Example: *The print on the wall was created using traditional screen printing techniques.*

Uses in this book:

1. Around the neck of the bottle was a paper label with the words 'DRINK ME' beautifully printed on it in large letters. [Back to B1](#)

Punish /'pʌnɪʃ/ (1 occurrence)

Português: punir; castigar; puna

Simple English: To cause suffering for someone breaking a law.

Example: *The judge decided to punish the thief with community service instead of jail.*

Uses in this book:

1. 'I suppose I'll be punished by being drowned in my own tears!' [Back to B1](#)

Scale /skeɪl/ (1 occurrence)

Português: escala; balança; escalar

Simple English: A measurement of size or degree compared with another item.

Example: *The scale of this project is much larger than I expected it to be.*

Uses in this book:

1. I'll try to say "How doth the little - " She crossed her hands on her lap as if she were in a lesson and began to repeat it, but her voice sounded rough and strange, and the words were not right: 'How doth the little crocodile Improve his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! [Back to B1](#)

sentence /'sentəns/ (6 occurrences)

Português: sentença; frase; sentencio

Simple English: A group of words expressing an idea.

Example: *Write a complete sentence.*

Forms in this book: sentence, sentenced

Uses in this book:

1. 'I daresay it is a French mouse, come over with William the Conqueror.' So she tried again: 'Ou est ma chatte?' That was the first sentence in her French lesson book. [Back to B1](#)

shine /ʃaɪn/ (1 occurrence)

Português: brilhar; brilho; engraxar

Simple English: To produce and emit light onto surrounding surfaces.

Example: *The stars shine brightly in the night sky during summer.*

Uses in this book:

1. I'll try to say "How doth the little - " She crossed her hands on her lap as if she were in a lesson and began to repeat it, but her voice sounded rough and strange, and the words were not right: 'How doth the little crocodile Improve his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! [Back to B1](#)

slip (1 occurrence)

Português: escorregar; deslizar; erro

Simple English: to slide accidentally or make a small mistake

Example: *Be careful not to slip on the wet floor.*

Uses in this book:

1. And I say it's too bad, it really is!' As she said this, her foot slipped, and in the next moment, splash! she was up to her chin in salt water. [Back to B1](#)

spread /sprɛd/ (3 occurrences)

Português: espalhar; propagação; disseminação

Simple English: To extend influence, disease, or effect over a larger area.

Example: *The news began to spread quickly throughout the community.*

Forms in this book: spread, spreading

Uses in this book:

1. How cheerfully he seems to grin, How neatly spread his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!' 'I'm sure those are not the right words,' said poor Alice. [Back to B1](#)

subject /səb'dʒɛkt/ (5 occurrences)

Português: assunto; sujeito; objecto

Simple English: The topic being discussed or studied.

Example: *History is my favorite subject.*

Forms in this book: subject, subjects

Uses in this book:

1. Do not say the name again!' 'I won't, indeed!' said Alice quickly, eager to change the subject. [Back to B1](#)

tear /tɪər/ (7 occurrences)

Português: lágrima; rasgo; rasgar

Simple English: Drop of salty liquid produced by the eyes naturally.

Example: *A tear rolled down her cheek during the sad movie.*

Uses in this book:

1. Stop this moment, I tell you!' But she cried on, until there was a large pool of tears around her, about four inches deep and reaching halfway down the hall.

[Back to B1](#)

2. Her eyes filled with tears again. [Back to B1](#)

3. And if I like being that person, I'll come up; if not, I'll stay here till I'm somebody else." But oh dear!' she cried, bursting into tears again, 'I do wish they would call me! [Back to B1](#)

4. But she soon saw that she was in the pool of tears she had cried when she was nine feet tall. [Back to B1](#)

5. 'I suppose I'll be punished by being drowned in my own tears! [Back to B1](#)

tunnel /'tʌnəl/ (1 occurrence)

Português: túnel; encapsulamento

Simple English: Passage dug underground for vehicles, trains, or pedestrians.

Example: *We drove through a long tunnel under the city.*

Uses in this book:

1. The rabbit-hole went straight like a tunnel for some way, then dropped suddenly down. [Back to B1](#)

wind (3 occurrences)

Português: vento; eólica; enrolar

Forms in this book: wind, winding

Uses in this book:

1. Alice ran like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, 'Oh my ears and whiskers, how late it's getting!' She was close behind it at the corner, but the Rabbit was gone. [Back to B1](#)

wise /waɪz/ (2 occurrences)

Português: sábio; sensato; prudente

Simple English: Having deep knowledge and experience; capable of giving good advice.

Example: *My grandfather is wise; he gives the best advice based on his experience.*

Uses in this book:

1. It was all very well to say 'Drink me', but wise little Alice was not going to do that in a hurry. [Back to B1](#)